OS ABORÍGINES DO CEARÁ (1)

CARLOS STUDART FILHO

Tipo morfológico — Os indígenas, que, na época do descobrimento e da conquista, senhoreavam o Ceará, eram robustos, bem dispostos e constituíam, sob o ponto de vista dos caracteres físicos, dois grupos humanos perfeitamente distintos.

A um grupo de naturais compunham indivíduos altos, robustos e selváticos; ao outro, homens de mediana estatura, baços de côr e não menos bravios. Êstes, à maneira dos tupis em geral, com os quais seriam posteriormente identificados, deviam "mostrar face cheia, amplas mandíbulas e malares proeminentes, nariz curto e achatado". Teriam "olhos pequenos e oblíquos, feições efeminadas, pêlos raros, membros grossos e pesados, espáduas e peitos largos", caracteres, todos, atribuídos pelos antropólogos àquele agregado brasílico.

A existência de gentios de elevada estatura, vivendo ao longo da costa leste-oeste, é, aliás, assinalada por aventureiros e piratas, lusitanos ou não, que por ela transitaram em diferentes épocas. Confirma-a, também, o testemunho de Gaspar Paraupaba, nativo cearense que parece haver desempenhado papel de relêvo nesses enevoados tempos de nossa formação histórica.

Respondendo às indagações do Sr. Killian de Rosenlaer, a respeito de compatrícios seus de tribos adversas, o brasiliense foi categórico: "Les Tapuyas cearenses sont de très haute taille, leurs armes sont des dards, les hommes portent les cheveux longs, les femmes un bandage par le devant" (2).

No mesmo sentido, dispõem as informações prestadas por cronistas batavos, particularmente Elias Herckman, que, bem de perto, conheceu os silvícolas nordestinos. Em sua "Memória sôbre a Paraíba", documento que, na opinião dos entendidos, avulta pela abundância de detalhes e fidelidade dos informes, o aventureiro não é menos taxativo ao aludir a certos gentios, de tipo semelhante ao dos cearenses, moradores na vizinha capitania levantina: "Êste povo de Tapuias é, diz êle, robusto e de grande estatura, seus ossos são grossos e fortes, a cabeça grande e espêssa, a côr natural atrigueirada, e cabelo prêto e, de ordinário, o trazem pendente sôbre o pescoço, mas por diante, até acima das orelhas, cortam-no igualmente, o que faz parecer um boné sôbre a cabeça" (3).

* * *

Procedência — A origem, ou procedência remota, dos ameríndios encontrados pelos europeus na zona costeira do Ceará, onde viviam precàriamente dos recursos havidos do solo e das águas, não está bem elucidada. Sabemos, todavia, com absoluta segurança, não serem êles autóctones, como não o eram aquêles nativos que dominavam os amplos sertões da Capitania (4).

Das cabildas que, na região litorânea, representavam o grupo tupi, algumas — como se verá em tempo — por ela transitavam acidentalmente; eram, portanto, na terra, apenas hóspedes de passagem. As outras, porém, ali tinham fixado morada e o fizeram em época relativamente recente, pois o movimento migratório, que levou até àquelas praias os mais distantes enxames de brasilienses, seria contemporâneo da chegada ao Nôvo Mundo dos primeiros imigrantes portuguêses. Premidos pelos alóctones recém-vindos ao Nordeste Oriental, os nativos haviam abandonado o primitivo **habitat**, buscando, no Ceará, novos domínios.

Os homens altos, robustos e de tez escura, de que falamos acima, eram bem mais antigos do que os tupis, na faixa oceânica, que senhoreavam em grande parte.

Derramavam-se, conforme se verificou mais tarde, também pelo interior, cuja conquista haviam realizado quase de um extremo ao outro.

Não obstante serem os tapuios velhos habitantes do nosso território, também êles não podem ser considerados os seus primeiros povoadores. Nas lutas empreendidas para alcançar o domínio das rudes glebas sertanejas, tiveram,

como predecessores, outros homens igualmente incultos e bravios, mas de padrões antropológicos inteiramente diversos e ali chegados havia séculos ou talvez milênios.

* * *

O homem da Uruburetama — Em meio dos restos deixados pelos gentios que viveram em nosso interior, surge, com efeito, uma peça óssea, a chamada Calota da Uruburetama, como um documento capaz de atestar a grande anciania daqueles pioneiros e a singularidade de seu tipo étnico.

Recolhido, por ignorados participantes da Comissão Científica que, sob a chefia do Conselheiro Dr. Francisco Freire Alemão Cisneiros, estêve no Ceará, (5) em 1859, ou a êles presenteado, foi o fragmento ósseo remetido para o Rio de Janeiro e incorporado ao patrimônio do Museu Nacional (6).

Reputado, pelos Drs. Lacerda e Peixoto, dos objetos mais curiosos e interessantes de quantos então existiam naquela casa de estudo, a sua valia pareceu tão grande aos olhos do Prof. Van Beneden, que, dizem pessoas bem informadas, dêle mandou o sábio "tirar uma fotografia e levou-a consigo para a Europa, como uma raridade antropológica".

Do precioso achado teria êle feito, outrossim, cuidosas mensurações.

A prioridade, na realização de estudos sistemáticas referentes à calota cearense, cabe, todavia, ao que supomos, àqueles dois ilustres antropológos brasileiros, que, em trabalho publicado nos "Arquivos do Museu Nacional" (7), no-la descrevem aproximadamente nos têrmos seguintes:

Constituída do frontal e dois parietais fraturados, representa, a peça óssea em aprêço, uma porção assaz considerável da abóbada craniana de um indivíduo adulto. Está quase inteiramente reduzida a pura substância calcária e muito friável; o seu díploe é muito poroso e a lâmina interna fina é cortada de sulcos profundos, correspondentes aos seios venosos, começa a destacar-se com o díploe em pontos diferentes. As suturas fronto-parietal e sagital estão solidificadas. Há perfeita simetria em todos os pontos dêsse fragmento do crânio e nenhum sinal existe de compressão ou deformação artificial. As arcadas superciliares são mui salientes e espêssas e, logo acima delas, nota-se um sulco profundo, des-

caindo ràpidamente a fronte para trás. A depressão da fronte é caráter que se reproduz ainda hoje, pôsto que de maneira menos nítida, nas cabeças dos Botocudos.

* * *

Estaria, portanto, o homem da Uruburetama vinculado, também, ao homem da Lagoa Santa e, assim, ligado à chamada raça paleamericana, outrora espalhada não apenas no Brasil, mas em todo o Novo Continente, e que tão considerável influência exerceu na formação de alguns dos nossos grupos indígenas, antigos e modernos.

Representantes dêsse agregado étnico de fato foram descobertos, em estado de pureza quase absoluta, entre Botocudos, cujos últimos sobreviventes vegetam, ainda hoje, em extrema pobreza, na bacia do Rio Doce (Lacerda e Peixoto), no seio da extinta tribo dos Paricus, da Baixa Califórnia (Rivet e ten Kate), e na Argentina (R. Lehman Nietche) (8).

Alterados pela mestiçagem, aparecem entre patagões dos nossos dias (Verneau) e em meio dos habitantes pré-históricos do Equador. Aí foram, com efeito, encontrados em relativa freqüência por Paulo Rivet, nas sepulturas de Paltacolo.

Ainda na cordilheira andina, mestiços da raça paleamericana apontaram-se entre **Tunebos,** do alto **Arauca,** na Colômbia (Rivet).

Indivíduos portadores dos caracteres craniométricos próprios à raça em análise surgem, igualmente, entre construtores dos sambaquis brasileiros e nos velhos cemitérios da Terra do Fogo e da Patagônia (Verneau).

* * *

Interessa recordar que, embora o Prof. Van Beneden não haja, êle próprio, utilizado para estudos as medidas precisas a que procedera no crânio cearense, nem a fotografia dêle, que consigo levara para a Europa, êsse material não ficou inaproveitado. Serviu a despertar a curiosidade de outros especialistas do Velho Mundo e de ponto de partida para as indagações bem orientadas que iriam realizar. Antropólogos houve que, tendo em vista seus caracteres específicos, julgaram-se autorizados a colocá-lo em paridade com o crânio de Pontimelo ou, antes, de Fontezuelos, encontrado, em 1881, por Santiago Roth, nas margens do pequeno afluente do Prata, chamado Rio dos Arrefices (Rivet).

Estudando, por seu turno, o crânio do Sumidouro, ten Kate concluiu ser êle o representante mais remoto da raça paleamericana. Êste autor, bem como Rivet e Verneau, nêle descobriam, conforme já o haviam feito os sábios brasileiros Lacerda e Peixoto, também acentuadas semelhanças craniométricas entre aquela raça americana e a raça hipsestenocéfala, dominante na Malásia e Austrália.

Indo além, Rivet ligou êsses dois agregados humanos a um tronco comum, perdido em ilhas do Novíssimo Continente.

É certo que Hrdlicka, opinando em contrário ao americanista francês, proclama possuírem os crânios descobertos por Lund os traços típicos da raça americana, e se um parentesco, dêles com qualquer dos povos oceânicos, na realidade existisse, só poderia ser excessivamente remoto. Esta se nos afigura, outrossim, a maneira de pensar dos que admitem, em princípio, a unidade da raça americana e sua procedência asiática.

A tese monogenista é defendida pela chamada escola de Washington, à qual poderíamos, de certo modo, filiar Imbelloni, Toung Dakin e todos aquêles que localizam ùnicamente na Ásia as raízes culturais e os focos de irradiação dos enxames humanos que, através do Bhering, vieram povoar a América. Segundo ela, "o protótipo do indígena do Nôvo Mundo se encontraria entre populações atuais da Sibéria, da China Ocidental, da Mongólia, do Tibet, da Coréia e do Japão. Êsses povos asiáticos, se bem que pertencendo à mesma raça fundamental, não eram, todavia, absolutamente homogêneos do ponto de vista étnico; corresponderiam antes a diversos subtipos da raça amarela, falando línguas e tendo civilizações diferentes".

Em que pêse ao parecer do eminente antropologista ianque e de seus partidários, poucos recusariam, hoje, aceitar as conclusões de Rivet, expressas em numerosos trabalhos sôbre as origens do homem americano.

Observações, de cunho etnográfico, lingüistico e antropológico, cada vez mais copiosas, tendem, efetivamente, a estabelecer, de modo definitivo, a realidade da migração de numerosas massas humanas da Oceânia para a América pré-colombiana, quando esta já possuía os contornos atuais. Propendem, outrossim, a mostrar o verdadeiro papel que os povos não asiáticos desempenharam no povoamento do Novo Mundo.

* * *

Tudo o que ficou dito nos leva à fácil conclusão de que o homem da Uruburetama não era um filho da terra.

Impossível, com efeito, descobrir na calota cearense sinais de vetustez capazes de autorizar alguém a apontá-la como parte do esqueleto de um antepassado autóctone do homem americano, ou mesmo de qualquer dos grandes troncos étnicos que povoaram o Brasil.

O fato de ser mais moderna do que os crânios da Lagoa Santa repele desde logo qualquer ilação neste sentido.

Além disso, o meio cearense jamais apresentou as condições naturais teòricamente indispensáveis ao aparecimento da espécie humana ou, simplesmente, ao surgimento do proto-americano.

O homem da Uruburetama integrava, pois, ao que tudo indica, um grupo invasor, emigrado de qualquer ponto da costa do Pacífico, e cujos remotos ancestrais seriam parte de uma raça primeva vivendo em ilhas do citado oceano.

Tangidos do bêrço originário para chãos do continente colombiano, representantes daquele tronco comum ter-se-iam multiplicado ativamente em seu nôvo **habitat**. formando densas massas humanas, muitas das quais, ainda em estado de relativa pureza étnica ou já mestiçadas, acabaram dominando enormes tratos de solo americano.

Uma dessas hordas conquistadoras, atravessando o Brasil por incertos caminhos, foi ocupar, há vários milênios, os sertões mineiros, enquanto outras se perdiam em terras amazônicas. A que alcançou o Ceará, deve tê-lo feito também em época muito recuada, quando as condições de existência eram aqui diversas das atuais.

* * *

Embora a capacidade craniana de um indivíduo não possa servir de critério para avaliar-se com segurança a sua inteligência (Ried, Mulligan, Pearson, Macdonell, etc.), o aspecto maciço e pesado do crânio cearense e a sua constituição morfológica sugerem ter êle pertencido a um ser de baixo nível intelectual.

Colateral dos Botocudos antigos e modernos, a imaginação criadora do morador da Uruburetama devia ser, porém,

inferior à dêsses nativos brasileiros, uma vez que, a separá-los no tempo, existe efetivamente um período de muitas centenas de anos de evolução social.

Plausível é, também, admitir-se serem trogloditas aquêles remotos habitantes do nosso interior, ou que de cavernas e lapas se serviam como túmulo. As descobertas de peças esqueléticas de igual tipo, feitas, de ordinário, em grutas e abrigos-sob-rochas em tôda a América, insinuam tais deduções. Deve-se, porém, ter em mente, desde logo, que a hipótese, ora aventada, é bastante audaciosa, pois a ausência de informações referentes ao conteúdo dos sedimentos que constituíram o solo da gruta cearense, está a pô-la de remissa.

O cavernícola da Uruburetama, sem dúvida parte dos primeiros enxames a se destacarem das vagas pioneiras que chegaram ao Brasil, foi talvez contemporâneo dos grandes mamíferos extintos, cujos restos ficaram prêsos no massapê das nossas lagoas. A teoria é perfeitamente plausível, uma vez que seus parentes mineiros conheceram, ainda com vida, alguns dos espécimes fósseis desenterrados por Lund das cavernas da Lagoa Santa.

Tenha-se ainda em vista o alto grau de fossilização apresentada pelo fragmento craniano, oriundo de Uruburetama, e a exumação, na Argentina, de ossos do mesmo tipo e em igual estado de conservação, jazendo sob a carapaça de um gliptodonte.

Constituída de indivíduos cujo tipo somático era diferente do daqueles aqui encontrados pelos primeiros viajantes lusitanos, ao grupo invasor coube, pois, a grave missão de trazer à nossa hinterlândia a nota fianl da criação bíblica, ou seja, aquela que coroou a obra do Senhor: — a presença do homem.

* * *

O **Canastrense** — Menos recuado no tempo do que o homem da Uruburetama, mas, ainda assim, bem mais antigo, em solo cearense, do que os gentios nêle encontrados pelos conquistadores, eram os indivíduos cujos despojos mortais foram descobertos na gruta da Canastra.

Mensurações cuidadosas, levadas a efeito por Tomás Pompeu Sobrinho, em 12 dos 15 crânios dali exumados, permitiram-lhe apenas concluir que as peças examinadas pertenciam a um conjunto humano assaz uniforme a que êle denominou CANASTRENSE.

Sendo, porém, de tipo BRAQUI-HIPSI-MÉTRIO-CRÂNIO ou BRAQUI-HIPSI-ACROCRÂNIOS, os canastrenses não podem, portanto, rigorosamente, ligar-se a qualquer dos grupos étnicos, vivendo em chãos cearenses quando os primeiros luso-brasileiros começaram a colonizá-lo. Gentes mestiças, resultaram, segundo aquêle etnólogo cearense, do cruzamento dos povos BRAQUI-ORTO-TAPINO-CRÂNIOS, de baixo módulo cefálico, habitando especialmente na bacia do Orenoco, com os DOLICO-HIPSI-ACROCRÂNIOS, de alto módulo cefálico, que dominavam terras situadas ao sul do Ceará e para além do Rio S. Francisco.

* * *

Densidade demográfica — Os indígenas, radicados no Ceará, quando do alvorecer da nossa história, deviam ser bastante numerosos, pois até as porções mais agrestes do litoral eram incessantemente percorridas por tribos selvagens que ali ocupavam os pontos, onde os recursos naturais se mostravam menos escassos (9).

As serras interiores, por sua vez, e o sertão, malgrado as circunstâncias desfavoráveis do seu clima áspero, não apresentariam menor densidade demográfica. Abrigo seguro para as tribos, alhures vencidas e desbaratadas nas rudes pelejas contra o invasor estrangeiro, era também, a hinterlândia cearense, o refúgio preferido dos nativos que as aperturas da concorrência vital tangiam das vizinhas capitanias do levante.

Êsse movimento migratório, iniciado antes mesmo da época da conquista da Paraíba pelos lusitanos, não esmoreceu com o passar do tempo. Tomou mesmo maior incremento depois que os holandeses foram expulsos do Nordeste, pelos heróis da restauração pernambucana. Vitoriosos êstes, levas copiosas de gentios, amigos dos invasores escorraçados dos campos nativos pelo terror de cruéis represálias lusitanas, cruzaram os chãos da nossa hinterlândia ou nêles buscaram refúgio temporário ou definitivo.

Nôvo afluxo de gentios iria ocorrer durante a chamada Guerra-dos-Bárbaros, quando os "indígenas, acossados no Piancó e no alto Piranhas pelas bandeiras preadoras de Jorge Velho e de Ledo, refluíram principalmente para o norte, superpopulando os sertões do Salgado e Vale do Cariri".

Aliás, os cronistas antigos confirmam a suposição aventada, de serem os indígenas cearenses bastante numerosos. O

primeiro a fazê-lo foi o próprio Pe. Luís Figueira, quando, em 26 de agôsto de 1609, ao descrever as dificuldades da missão que lhe coubera, esclareceu: "Do Rio Grande, que é a última povoação dos portuguêses, ao Maranhão são passantes trezentas léguas tôdas de tapuias selvagens que são tantos que não tem conta, e andam em magote de 50, 80 e 100 casais correndo sempre os campos, buscando caça de que se sustentam..."

Já na "Relação do Maranhão", por êle escrita um ano antes e enviada ao Geral dos Jesuítas, Pe. Cláudio Aquaviva, dissera o heróico inaciano: "O Rio Maranhão de que se denomina todo aquêle sertão dista de Pernambuco trezentas e tantas léguas por terra pouco mais ou menos, com tôda esta região e comarca do Maranhão aonde há inumeráveis almas e muitas castas de gentio."

O depoimento de Martim Soares não é menos peremptório. Dando notícias, na "Relação do Ceará", das amizades que fizera com "as três castas de Tapuia" que viviam nas cercanias do fortim, anota cuidadosamente: "Tem o Ceará, em 70 léguas de circuito, 22 nações de tapuias de diferentes línguas" (10). Em outro passo do mesmo documento, registrara o fundador do Ceará: "Sendo de pouca idade passei ao Brasil por soldado em companhia do Governador Diogo Botelho logo que cheguei a Pernambuco fui com o Capitão-mor Pêro Coelho de Sousa a descobrir e conquistar a Província de Jaguaribe e Seará e Mel Redondo, servindo de soldado, onde tivemos muita guerra com aquêles índios que **eram infinitos** e tinham muitos franceses em sua companhia."

* * *

A êsse tempo também a Serra Grande regurgitava de nativos de variada filiação étnica. Derramadas por sôbre o dorso do grande platô, sem dúvida o primeiro trato do interior cearense franqueado ao europeu — viviam, porém, de preferência, tribos tapuias, algumas das quais de parceria com gentios da nação tabajara.

Quando, em 1603, Pêro Coelho cruzou o altiplano em demanda à ilha de S. Luís, com sua bandeira, estavam êstes albergados em 70 aldeias, perfazendo, segundo conjetura Pompeu, 60.000 pessoas (11).

"Indo nos cinquo léguas da Aldea nos alcanssou hu mancebo que trazia novas de como erão vindo hus poucos de índios reliquias do 70 aldeas que cõ medo dos brancos e p.

se verem livres delles fugirão e forão acabar no Maranhão as mãos dos tapuias e frãceses, e outra gente do mesmo Maranhão q' cô os franceses lhe fizerão guerra, ajudando-os também, a peste que lhes deu", regista o Pe. Figueira na "Relação do Maranhão."

Noutro trecho do mencionado escrito insiste o missionário: "Nesta grande serra havia ha dois ou tres anos mais de 70 aldeias de gentio q' nos contarão por seus nomes de depois de os brancos lá irem e os receberem no princípio com guerra se foram todos para o Maranhão cõ medo dizendo que se os brãcos tinham destruido todos os moradores do Jaguaribe sendo recebidos delles com paz muito melhor os destruirão se elles q' no principio receberão com guerra, e estes pobres por derradeira."

O Pe. Cláudio d'Abbeville, na "História da Missão dos Padres Capuchinhos na ilha do Maranhão e suas circunvizinhanças", eleva a 200 o número de aldeamentos situados na Ibiapaba, tanto que, referindo-se àquele platô, adianta: "Além disto é uma excelente morada por ser a temperatura do ar nem quente nem fria o que faz com que seja esta montanha (Ibiapaba) muito habitada e por isso nela existiam quando da chegada ali (de Pêro Coelho) mais 200 aldeias de índios."

* * *

Tupis e Tapuias — Primeiros ensaios de sistemática — Ampliando os reinóis a conquista da terra brasileira, com a incorporação aos seus domínios do litoral cearense, cujas tribos indígenas lhes pareceram extremamente numerosas, sentiram êles a necessidade premente de agrupar essas mesmas tribos em quadros sistemáticos. Dividiram-nas, por isso, desde logo, em dois grupos, a que denominaram, respectivamente, tapuias e tupis. Atendiam, em princípio, aos caracteres lingüísticos e, de certo modo, também às dissemelhanças culturais observadas de relance.

O grupo tupi abrangia, muito naturalmente, as tribos que manejavam idioma semelhante ao falado ao longo da costa oriental e tinham costumes e hábitos idênticos aos indígenas que, em maior número, habitavam aquêle trecho da marinha brasileira.

O grupo tapuia incluía, por sua vez, as hordas que, vivendo de preferência nos chãos interiores da Capitania, usavam a "língua travada" (12).

Agindo dêsse modo, seguiam os bisonhos classificadores lusitanos os mesmos processos simplistas já empregados pelos seus maiores, os descobridores e colonos reinóis do século XVI, processos descriminativos imitados, segundo tôda a evidência, dos próprios nativos praieiros, com que tinham convivido em primeiro lugar. O vocábulo tapuia é, como sabem todos, aquêle de que se serviam os tupis para designar os seus inimigos, dêles muito distanciados tanto do ponto de vista étnico, quanto lingüístico.

Êsse rude método de sistemática foi primeiramente pôsto em curso entre civilizados pelos jesuítas (13). Usaram-no, a seguir, os viajantes e cronistas brasileiros dos séculos XVII e XVIII, em geral, e, de maneira ampla, todos os que, registrando fatos ligados à evolução social, política, econômica e religiosa da terra cearense, careciam de aludir mais longamente aos seus habitantes nativos. Tão grosseiras normas taxionômicas permaneceram em vigor entre nós durante largo tempo, pois em nada influíram para melhorá-las as observações cada vez mais numerosas e elucidativas que, a respeito de muitos agregados humanos não tupis, se iam acumulando com o passar do tempo.

Igualmente improdutiva ficou, dêsse modo, a documentação deixada sôbre os **Tarairijus** e **Cariris**, do extremo nordeste brasileiro, por cronistas e escritores flamengos ou como tais reputados (Elias Herckman, Roulou Baro, Piso e Marcgrav, Barleus, etc.). Melhor sorte não tiveram as notas que, a propósito dos Tremembés, escreveram o Pe. Ivo d'Evreux e numerosos outros itinerantes que, de passagem, cruzaram a costa leste-oeste.

Também não seriam levados em consideração, pelos que se ocupavam em estudar o aborígine, em sua generalidade, os reparos de cunho etnológico sôbre êles colhidos, pelos entradistas de todos os recantos do País, e referidos pùblicamente por êsses desbravadores quando retornavam de suas grandes peregrinações sertanejas.

Todo o enorme acervo de informações, reunido no correr das duas primeiras centúrias e que, assim, se quedava inaproveitado, estava a indicar claramente o absurdo de ser mantida a classificação dual e coeso o grupo tapuia. As tribos que a êste constituíam não formavam uma massa coerente, nem no ponto de vista étnico, nem lingüístico, nem antropológico.

Aliás, já Frei Vicente do Salvador, o Pe. Fernão Cardim e outros cronistas de igual vulto, proclamando a pluralidade

dos idiomas tapuias, apontavam implìcitamente tal impossibilidade.

"O que de presente vemos, registrava aquêle frade escritor, em 1627, é que todos são de côr castanha e sem barba, e só se distinguem em serem uns mais bárbaros que outros (pôsto que todos o são, assaz). Os mais bárbaros se chamam IN-GENERE tapuias, dos quais há muitas castas de diversos nomes, e **diversas línguas** e inimigos uns dos outros."

As palavras do jesuíta não são menos conclusivas:

"Em tôda esta província, proclamava êle pelos idos de 1584, há muitas e várias nações de **diferentes línguas.**"

Foi, todavia, necessário chegarmos ao século XIX para que os estudiosos, de uma e outra banda do Atlântico, se lembrassem de repudiar a distribuição do nativo em dois grupos antagônicos.

Os que, primeiro, a isso se abalançaram, fizeram-no substituindo, porém, a divisão dual por outras, em maioria, também impróprias, porque destituídas das bases científicas hoje julgadas imprescindíveis à realização da difícil tarefa.

A Etnologia e a Lingüística comparada dos povos americanos estavam no nascedouro e as informações, consignadas a respeito dos grupos indígenas pelos escritores dos primeiros séculos, não haviam sido ainda convenientemente coordenadas, nem divulgadas.

* * *

"No século XVIII, diz um estudioso do assunto, o material etnográfico avolumara-se, é certo, em proporções enormes, à medida que se alargava o âmbito das explorações geográficas, mas tão complexo, tão enredado, não raro, tão inacessível, que dominá-lo, determinando a situação de cada tribo ou grupo sôbre as coordenadas etnográficas, foi tarefa só iniciada em princípios do século seguinte..."

Assim, tiveram os especialistas, em geral, de basear os seus tímidos ensaios de sistematização no conhecimento, muitas vêzes perfuntório, dos hábitos e costumes dos mesmos índios, nas dissemelhanças mal apuradas de suas falas ou, ainda, no simples exame de alguns caracteres físicos mais salientes.

A primazia da idéia revisionista cabe, sem favor, a Alcides d'Orbigny, etnólogo e viajante francês, que, em princípios do século passado, explorou a América Meridional. Entre nós a prioridade pertence, indubitàvelmente, ao General Couto de Magalhães (14).

O primeiro, separando os habitantes desta parte do Nôvo Continente em 3 grupos, ou raças, incluiu a quase totalidade dos indígenas brasileiros naquele que dominou brasílio-guarani e cujos traços gerais resume dêste modo: "côr amarela ligeiramente misturada de vermelho muito pálido, estatura mediana (1,62), formas maciças, face quase circular, fronte não fugidia, nariz curto e estreito, narinas estreitas, bôca mediana pouco saliente, lábios finos, olhos geralmente oblíquos rasgados no ângulo externo, malares pouco salientes, feições efeminadas e fisionomia doce."

Às outras chamou Pampiana e Andoperuana.

Na raça pampiana é descrita como apresentando côr moreno-oliva ou castanho escura, estatura mediana, 1,688m, formas hercúleas, testa alta, rosto largo esparramado e oblongo, nariz curto e muito chato, de narinas largas e abertas, bôca muito grande, lábios grossos e muito salientes, olhos horizontais e, às vêzes, rasgados no ângulo anterior, malares salientes, traços pronunciados de masculinidade, fisionomia fria e, amiúde, feroz. Nela incluiu d'Orbigny os **Guaicurus**, como seu ramo mais setentrional.

Couto de Magalhães, tendo dedicado largo tempo ao estudo dos nossos gentios, com quem privou ìntimamente em Goiás, Mato Grosso e na Amazônia, julgou-se autorizado, quarenta anos mais tarde, a agrupá-los em três tipos fundamentais:

1°.) — índio escuro grande
2°.) — índio mais claro de estatura média
3°.) — índio mais claro de estatura pequena, peculiar à bacia do Amazonas.

O primeiro, por êle também denominado **abaúna**, seria o tronco primitivo; os dois últimos, conhecidos por **abajus**, seriam raças mestiças, filhas do cruzamento daquele grupo com o alienígena branco, fato ocorrido centenas de anos antes do descobrimento da América (15).

Como d'Orbigny, Couto de Magalhães tomou, pois, por base de sua classificação, os caracteres corporais. Usou, assim, um critério que, apesar de relativamente estável para cada grupo, foi considerado, mais tarde, de pouca relevância quando tomado isoladamente (16).

Essas incipientes tentativas de sistemática e, em particular, a do militar e sertanista brasileiro, eram, todavia, de medíocre alcance científico e, por isso, tiveram vida efêmera.

Note-se, porém, que os estudos e investigações de d'Orbigny vieram a exercer acentuada influência sôbre os trabalhos de investigadores hispano-americanos, tais como Schervin, G. Rauma e outros.

* * *

A von Martius, que, no justo conceito de Fróis Abreu e de todos os que lhe conhecem a obra, "foi o mais operoso dos naturalistas estrangeiros que se ocuparam de estudos brasileiros, e dos mais iluminados", a von Martius, dizíamos, "coube, porém, o mérito de haver apresentado uma classificação que, durante muito tempo, seria considerada aceitável pelos melhores especialistas no assunto" (17).

Tendo viajado longamente pelo interior das então províncias de S. Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Piauí, Maranhão, Pará e Amazonas, colheu, de suas andanças sertanejas, numerosas observações no tocante à diversidade de condições culturais e lingüísticas que apresentavam os grupos nativos.

Pôde, dessa forma, guiado, sobretudo, pelo exame de palavras fios, alicerçar o trabalho em bases perfeitamente seguras e distinguir nove grupos línguo-culturais, a saber:

1º.) Tupi e Guarani
2º.) Jé ou Cran
3º.) Guck ou Côco
4º.) Cren ou Gueren
5º.) Pareci ou Poragi
6º.) Goitacá
7º.) Aruaque ou Aroaquis
8º.) Leguá ou Guaicuru
9º.) índios em transição para a cultura e língua portuguêsa.

Apenas os três primeiros conjuntos humanos abrangiam os selvagens cearenses.

Aos Cariris incluiu Martius entre os Gucks ou Côcos, idéia contra a qual protestaria Batista Caetano, estribado em estudos pessoais. Pesquisas posteriores, realizadas, principalmente, por etnólogos germânicos, vieram, porém, evidenciar numerosas falhas no trabalho de von Martius. Êste se deixara sugestionar demasiadamente pela inexata idéia, que fazia, do exagerado tamanho da área de expansão dos povos

tupis e da preponderante influência dêsses gentios no desenvolvimento cultural das outras tribos brasileiras.

Empolgava-o, outrossim, o falso julgamento de estarem, já então, baralhadas e confundidas quase tôdas as culturas nativas. Foi, pois, necessário retificar-lhe os erros.

Surgiu, dêsse modo, a classificação de Carlos von den Steinen, antropologista que tivera a sorte de descobrir, nas margens do Xingu e, portanto, em pleno coração da selva sul-americana, "representantes das principais tribos do Brasil em estado cultural quase pré-colombiano".

"Divulgada, entre nós, por Paulo Ehrenreich, a classificação de von den Steinen difere sensìvelmente do quadro sistemático elaborado por von Martius, pois nela aparecem grupos não assinalados antes e a fusão e desaparecimento de outros que o cientista bávaro separara."

Lembra Taunay, em artigo intitulado "Resistência à Conquista do Nordeste", haver von den Steinen provado peremptòriamente que os Caraíbas nada tinham de comum com os Tupis, como pensavam d'Orbigny, Martius e o próprio Batista Caetano.

Recorda ainda o saudoso historiador que Steinen identificou outro agregado étnico, a que atribuiu o nome de Nuaruaque, êste já pressentido por Latham em 1850.

"A constituição do grupo Nuaruaque, afirma, por sua parte, Capistrano de Abreu, dissolveu o grupo Guck ou Côco, de Martius, e suscitou, pela primeira vez, a questão dos Cariris, não resolvida pelo ilustre explorador germânico, malgrado todos os seus esforços, como êle próprio confessa."

Com Steinen, as famílias indígenas passaram a ser apenas oito, assim denominadas:

I — Tupi
II — Jé ou Zé
III — Caraíba
IV — Nuaruaque ou Maipure
V — Goitacá (Waitaka)
VI — Pano
VII — Miranha
VIII — Guaicuru (Waikuru)

Embora fruto de estudos e observações que iriam "lançar muita luz sôbre o complexo problema dos agrupamentos indígenas", a relação apresentada, de von den Steinen, em essência, nada alterou a situação, até certo ponto dúbia, dos

nativos cearenses não tupis. A maioria dêles permaneceu indevidamente integrada na família Jé, mantida pelo ilustre homem-de-ciência.

Os outros, que haveriam de constituir o grupo ainda não definido dos Cariris, estavam pràticamente sem lugar certo na sistemática do conjunto.

Mais uma revisão foi esboçada, tempos depois, por Ehrenreich, o companheiro de Steinen em sua 2ª. viagem etnográfica pela Amazônia.

Elaborada com base em abundante material, tanto lingüístico como antropológico, a nova taxionomia, vinda a lume em 1904, manteve íntegros os grupos principais de von den Steinen.

Nela aparecem, assim, os:

Tupi-guarani
Aruaque
Caraíba
Zé ou Jé

Completavam o quadro, mas, em plano secundário, os:

Cariri ou Quiriri
Pano
Goitacá
Guaicuru
Bororó, etc.

Com Ehrenreich, que, aliás, dividira também as terras sul-americanas em três províncias etnográficas, passaram os **Cariris** a ter o lugar que lhes faltava na distribuição geral dos silvícolas brasileiros.

As posteriores pesquisas de Capistrano de Abreu e as acuradas indagações de Rodolfo Garcia e Artur Ramos tiveram, como resultado, alterar, ainda uma vez, a classificação dos nossos ameríndios, no que se refere aos grupos secundários. Não ventilaram, nem resolveram, porém, as dúvidas que existiam no que tange à grande maioria dos nativos do Nordeste, não participantes do grupo cariri.

Nesse meio tempo, surgira, porém, o magnífico trabalho do investigador germânico E. von Eickstedt (**Rassenkunde und Rassengeschichte der Menscheit**, Stutgart, 1943), que iria ser a fonte inspiradora das monografias de José Imbelloni (**Fuegidos y Laguidos, Posicion de la raza Paleo Americana e**

de Lagoa Santa). (Man. do Museu Art. Cienc. Nat. Buenos Aires, XXXIX, 1937); **El problemiento primitivo de América,** in Revista Geográfica americana, nº. 7. Buenos Aires, 1939, **Três Capítulos sôbre sistemática del hombre americano,** in Atualidad Medico Peruana Vol. II Lima, 1937 etc.) e do volumoso trabalho de Salvador Canals Frau, denominado "**Pré-história da América**" (Sudamericana, Buenos Aires, 1950) e de outros trabalhos etnográficos (18).

Visando todos a dar ao problema do ameríndio uma solução consentânea, a um só tempo, com os dados da Lingüística, da Culturologia e da Antropologia Física, eram verdadeiras obras de síntese. Buscavam enfeixar, num todo, os resultados colhidos, de seus perquirentes estudos, pelos indianologistas mais credenciados em cada um daqueles ramos de Antropologia Geral.

Para o Prof. Canals Frau — que se filia, como é natural, à corrente imigracionista e toma por base de seu sistema o que chama realidade paleográfica, etnográfica, lingüística — quatro teriam sido as correntes pré-históricas povoadoras da América ou, melhor, quatro seriam os grandes ramos étnicos alóctones de onde se originaram todos os indígenas americanos.

Ei-los:

1º. — dolicóides primitivos de cultura inferior
2º. — canoeiros mesolíticos
3º. — braquióides de cultura média
4º. — polinésios de alta cultura.

Para atingir o Continente Americano, os grupos humanos invasores seguiram, em princípio, rotas diversas, embora mais de um trilhasse ocasionalmente trechos dos mesmos caminhos. Isso teria ocorrido, porém, em épocas entre si muito distantes.

Do ponto de chegada ao Nôvo Mundo, até alcançar os centros de caracterização e dispersão, tôdas percorreram, de ordinário, veredas mais ou menos exclusivas.

Dos enxames conquistadores, o terceiro tem particular interêsse para a etnografia brasileira, pois dêle procedem "as populações mais ou menos braquióides de cultura média" que, com os dolicóides primitivos, ocuparam quase a totalidade da área central e setentrional da América do Sul, o que vale dizer grande parte do território nacional (19).

Modificação profunda na maneira de estender os aborígines nordestinos e sua filiação línguo-cultural e antropológica, devia, porém, verificar-se com o aparecimento, na "Revista do Instituto do Ceará" e em outras publicações do mesmo tipo, dos trabalhos de Tomás Pompeu Sobrinho (20).

Particularmente valiosa é, nesse sentido, a monografia que intitulou "Pré-história cearense" porque, também ela, segue as modernas diretrizes traçadas por von Eickstedt.

Na obra em aprêço, alicerçada, aliás, nas mais recentes publicações que, a respeito do assunto, surgiram no Velho Mundo e na América, o autor, tendo em vista os caracteres culturais e as peculiaridades do falar de certas tribos sertanejas até então incluídas no grupo cariri, reuniu-as num todo independente a que chamou **Tarariju** ou **Tarairiú.**

A autonomia lingüística dos **Tarairiús** já fôra, é certo, proclamada pelo próprio Pompeu, em 1935, e por Louktka em 1952; o primeiro deu-lhe, porém, como dissemos, mais a necessária base etnográfica.

Ao erudito cearense deve-se também, em grande parte, a emancipação dos **Tremembés.**

Tomás Pompeu admite, ademais, terem sido 5 e não 4 as correntes humanas que conquistaram o Nôvo Mundo.

Estas geraram 13 tipos étnico-culturais diversificados, no próprio Continente, no decorrer de um longo período de muitos milênios.

Os dois quadros seguintes dão, 1º., o resumo daquilo que o autor chama "o drama do povoamento pré-colombiano da América", e o 2º. a distribuição dos 13 tipos raciais nas 5 correntes imigratórias.

* * *

Sistemática dos nativos cearenses — Hoje, podemos, pois, com relativa segurança, incluir os indígenas cearenses nos grupos seguintes:

Tupi
Cariri
Tremembé
Tarairiú
Zé, Jé ou Jê

É lícito considerar ainda um sexto conjunto humano sem denominação especial em que seriam enfeixadas as tribos de filiação lingüística duvidosa e de imprecisa ligação cultural.

Nêle catalogar-se-iam, outrossim, as cabildas a respeito das quais pouco ou nada sabemos além do nome que ficou perpetuado nas crônicas da terra (21).

Entre essa **gentium incerta affinitate** ficariam colocados, desde logo, os **Itanãs** ou **Itanhás**, apontados por Louktka como um grupo lingüístico independente, vivendo em Monte-Mor (22). Von Martius já os citara e Rodolfo Garcia afirmara terem sido êles aldeados naquela localidade. Nenhuma informação encontramos, porém, a respeito dêsses silvícolas nos anais históricos do Ceará que nos caíram sob as vistas.

Na rubrica apontada enquadrar-se-iam ainda os:

Acimis, moradores prováveis da Ibiapaba;

Acocis, senhores da bacia do ribeiro do mesmo nome;

Aconguaçus, da Ribeira do Acaraú;

Acriús, da bacia do Acaraú;

Anaperus ou **Anapurus**, divididos em **Anaperuaçus** e **Anaperumirins**, que eram encontrados mui provàvelmente nos chapadões da Serra Grande;

Apujarés que, segundo parece averiguado, alastravam os sertões de Canindé (23);

Calabaças, ripículas do Salgado;

Candandus;

Carcuaçus, cujo **habitat** desconhecemos;

Chibatas, da margem do Riacho Chibata e tributário do Bastiões;

Icós, vivendo entre o Salgado e o Rio do Peixe e Piranhas, da Paraíba;

Icòzinhos, que trilhavam as mesmas terras ocupadas pelos seus parentes, os Icós;

Jaguaribaras, espalhados na ampla nesga de terra que vai da margem esquerda do Choró e Rio Mundaú até a Serra de Baturité. Êstes silvícolas iriam ter acentuada atuação na vida dos primeiros povoadores do Ceará;

Jaguaruanas que habitavam entre o Curu e o Acaraú;

Jucás ou **Iucás**, antigos habitantes das cabeceiras do Jaguaribe e parte da região de Arneirós (24);

Peba, Pega, Perga ou **Peiga** que, embora marginais do Piranhas e Rio Sabugi, marcavam, no raro, com seus rastos os chãos do Ceará (25).

Tocoiús que viviam nas imediações da atual cidade do Icó;

Vidaes moradores dos chapadões da Serra Grande;

Wanacés ou **Anacés**, que, divididos em Anaceguaçus e Anacémirins, senhoreavam as fragas da Uruturetama;

Xixirós que pervagavam os chãos interiores da Capitania; (26).

GRUPO TUPI

A cultura material, crenças, línguas e somatologia dos povos tupis, bem como as caprichosas migrações que empreenderam por terras do Nôvo Mundo, hão sido motivo para demoradas e profícuas indagações por parte dos nossos mais credenciados indianólogos. Serviram e servem ainda, também de tema a dissertações maçudas e sábias de especialistas estrangeiros que lhe estudaram as peculiaridades lingüísticas, raciais e etnográficas.

Amplíssima é, por isso, a literatura que versa êsses indígenas e quase tôda de acesso relativamente fácil. Não nos sendo possível apresentar a matéria sob qualquer ângulo nôvo, nem lhe trazer inédita contribuição científica, julgamos preferível abstermo-nos de abordá-la, enviando às fontes bibliográficas, quem dêle se queira inteirar detalhadamente (27).

POTIGUARAS — Representavam o grupo tupi, no Ceará, apenas dois agregados nativos: os **Tobajaras** e os **Potiguares**, chamados, ainda, **Potiguaras, Potiuaras, Potigaras, Pitigares, Pitigoares**, ou **Pitiguaras** (28). Integrantes da grande família tupinambá, senhoreavam o baixo Jaguaribe e, possìvelmente, outros pontos da costa.

Dominadores antigos também do litoral do Rio Grande do Norte e trechos da Paraíba, foi com os **Potiguares** que ocorreram os mais remotos atritos havidos no Nordeste entre os colonizadores reinóis e os primitivos donos do País.

Nação forte e poderosa, inimiga dos **Tobajaras**, já aliados dos portuguêses, aproximaram-se naturalmente dos franceses, que andavam pirateando ao longo das nossas águas territoriais, e, estimulados por êles, moveram durante quase cem anos uma guerra de extermínio à parcialidade luso-tobajara, que se lhe tornara adversa.

* * *

Localizados, conforme dissemos, na zona do baixo Jaguaribe e, talvez, em mais alguns trechos das nossas lindes oceânicas, ressurgiam, depois de larga interrupção, na faixa praiana que vai das margens do Parnaíba até muito além do gólfão maranhense. Nessa parte da costa se haviam estabelecido em fins do século XVI, ou início do seguinte, e eram conhecidos pelo nome genérico de **Tupinambás** (29).

Métraux demonstrou, com efeito, que, até 1587, data da publicação do livro de Gabriel Soares de Sousa, não existiam, na mencionada região, indígenas tupis de qualquer parentela.

* * *

É, também, um episódio relativamente recente, nos anais das migrações dos povos tupis, o movimento expansionista que, partindo dos chãos norte-rio-grandenses no rumo do poente, iria propiciar aos **Potiguares** o domínio da porção mais oriental da marinha cearense.

Por sua vez, a retomada da marcha que, dali, os levaria até à barra do Rio Ceará e mesmo um pouco ao poente dêsse curso d'água, teria corrido em pleno alvorecer da nossa era histórica. Seria, talvez, contemporânea das primeiras incursões que, pelo Meio-Norte, realizaram expedicionários portuguêses.

Há quem pretenda que, muito antes da chegada ao Ceará dos colonizadores reinóis, já os **Potiguares** estendiam os seus domínios até os contrafortes orientais da Ibiapaba, onde tiveram os passos embargados pelos **Tobajaras.**

Os que dêsse modo consideram, baseiam seus pontos de vista, de preferência, nas indicações contidas no mapa de Jacques de Vandeclaye, desenhado em 1579 e reproduzido no

Altas de Rio Branco. O referido cartógrafo nêle faz figurar, com efeito, um semicírculo entre o Rio S. Domingos, ou Paraíba, e o da Cruz, ou Camucim, e neste inscreve — lembra-o Capistrano — dez mil índios dispostos a combater os portuguêses.

Atente-se, porém, que tal indicação sugere, desde logo, a dúvida seguinte: pretendeu Vandeclaye, referindo-se "a índios dispostos a combater os portuguêses", aludir, realmente, aos **Potiguares** e sòmente a êles?

Solucionada a objeção afirmativamente, o que não parece fácil, resta a considerar o fato de ser Vandeclaye de nacionalidade francesa e, portanto, propenso a exagerar o número e alargar a zona de influência dos brasilienses com o apoio dos quais poderiam contar os seus patrícios, contrabandistas contumazes de nossas mercancias.

Digno de reparo é, outrossim, o ter sido o documento confeccionado em 1579, época em que as hordas potiguares bem poderiam ter iniciado os seus deslocamentos para o oeste, como contingentes vanguardeiros da tribo em movimento. De 1579 a 1603, ano da chegada ao Ceará de Pêro Coelho, decorrem vinte e quatro anos apenas, tempo demasiado exíguo para invalidar a afirmativa segundo a qual **Potiguares** eram moradores recentes das costas cearenses.

É verdade que, em favor da opinião daqueles que fazem recuar de muitas e muitas décadas o início da marcha para o oeste da cabilda de que nos estamos ocupando, e conseqüentemente a sua fixação em vários pontos do litoral cearense, milita o fato de alguns antigos documentos dividirem a faixa praiana do nosso Estado em três províncias, assim denominadas: o País do Jaguaribe, Mel Redondo e Buabava.

A clara procedência tupi dos referidos nomes e o aparecimento de outros topônimos da mesma origem na zona apontada, levavam, com efeito, à suposição de que os **Potiguares** a senhoreavam de longa data.

No mesmo sentido parece depor o trecho seguinte da "Relação do Maranhão" da autoria do Padre Luís Figueira (pág. 135).

"Vendo eu que os mais não queriam vir, procurei então e os ajuntei todos porque em todo aquêle sertão do Jaguaribe aonde dantes havia grandíssimo número de aldeias agora serão por todos grandes e pequenos como oitocentas almas, as quais estão em sete ou oito aldeotas de tôdas ajuntei os principais e os persuadi se ajuntarem a roçar em certa parte mais acomodada traçando-lhe as casas, levantando-lhe uma

formosa cruz, de cedro lavrada com seu tto cousas que êles estimam muito e lhe pus nome a aldeia de S. Lourenço por ser em seu dia levantada cruz"... (30).

A afirmativa do missionário de os ter a todos ajuntado em uma grande aldeia — que não podia, é claro, ter sido ereta nas margens do Jaguaribe — não prova, todavia, que os **Potiguares** fôssem senhores do nosso litoral. Indica simplesmente que êles se achavam então debandados pelas praias, situação criada em virtude da ação profundamente subversora da bandeira de Pêro Coelho de Sousa.

O Capitão-mor exterminara pràticamente as tribos potiguares do baixo do Jaguaribe, matando a uns, aprisionando a outros, e levando os demais a passarem às terras interiores ou fugirem na direção do poente. O flagício, forçando-os a abandonarem em grande número os lugares onde viviam, obrigara-os ao mesmo passado a invadir, em condições precárias, o domínio dos tapuias, seus inimigos tradicionais.

Não havendo, pois, indícios seguros da fixação de **Potiguares** em terras cearenses antes do terceiro quartel do século XVI, podemos concluir que os primeiros deslocamentos em massa dêsses aborigines, no sentido do grande vale amazônico, sobrevieram já em pleno período histórico e ocorrerem sob a pressão dos ádvenas brancos.

Coincidiu, pode dizer-se, com as mais remotas tentativas de integração do nosso território na área colonial portuguêsa (31).

Que na época acima não tinham os **Potiguares** o domínio integral das nossas praias, podemos afirmar baseados também em Capistrano de Abreu que, em 1918, escrevia, nos "Prolegômenos do Livro I, de Frei Vicente do Salvador", referindo-se aos Cariris:

"Os primeiros habitantes da grande extensão do litoral, onde ainda os portuguêses os encontraram **em parte** do Maranhão e do Ceará e a esquerda do baixo S. Francisco, alhures já repelidos para o sertão antes da chegada de europeus (32).

Pacificados por Martim Soares Moreno, e trazidos das terras do baixo Jaguaribe, aonde algumas de suas cabildas haviam certamente regressado depois da volta de Pêro Coelho à Paraíba, para as margens do Rio Ceará, os **Potiguares** aí se fixaram definitivamente.

Foi graças a êles que os portuguêses se poderam estabelecer em chãos cearenses.

* * *

TOBAJARAS — Aliados fiéis e colaboradores prestantes dos portuguêses, desde os seus contactos iniciais com os chãos americanos, os **Tobajaras** muito concorreram para que êsses alienígenas se firmassem duradouramente em terras do Brasil Norte-Oriental.

Entre suas gentes, encontrariam os reinóis os elementos indispensáveis à miscigenação de que nasceriam os mestiços irrequietos e briguentos, fatôres por excelência da expansão da Colônia no rumo da hinterlândia nordestina e glebas amazônicas.

No Ceará, os **Tobajaras** ou **Tabajaras**, **Tobaiaras** e **Tabaiaras** habitavam a serra da Ibiapaba, de onde eventualmente desciam até às praias.

Vivendo, como dissemos, entre hordas tapuias, que em parte dominavam, eram ali recém-vindos, quando os primeiros europeus alcançaram o nosso litoral.

Embora sendo dos nativos brasileiros que mais intimamente conviveram com os colonizadores no Nordeste, relativamente exíguos e, de certo modo, confusos são os dados que a respeito dêle nos restaram.

Sua filiação lingüística (33), procedência e época provável da chegada ao grande platô da Serra Grande não estão, por isso mesmo, bem elucidadas. Até a verdadeira grafia do nome, com que êles próprios se nomeavam, permanece duvidosa. Assim, não sabemos ao certo se devemos escrever **tabajara** ou **tobajara**, nem qual o sentido real da palavra. Alguns tupinólogos, decompondo-a em seus elementos formadores, pretendem que tobajara significaria "senhores da frente" (C. F. Teodoro Sampaio "O Tupi na Geografia Nacional" 3ª. ed. Bahia 1928, pág. 311 a 326) ou, ainda, "senhores do rosto da terra". "Rosto da terra" seria, consoante esclarece Loreto Couto, a expressão que os gentios usavam para designar as terras marítimas de tôda a costa. (Loreto Couto, "Desagravos do Brasil e glórias de Pernambuco", em Anais da B. N. R. J. pág. 34). Tabajara significaria, portanto, donos das praias ou do litoral.

O jesuíta Simão de Vasconcelos, que igualmente dá preferência à grafia tobajara, dêste modo explica ("Notícias Curiosas e Necessárias sôbre o Brasil", pág. 154) a sua origem e formação: "**Tobajaras** são índios principais do Brasil, e pretendem ser êles os primeiros senhores da terra. O nome,

que tomaram, o mostra porque **ara** quer dizer senhores, **tobá** rosto, e vem a dizer que são senhores da terra que êles têm pela fronteira marítima, em comparação do sertão, e na verdade como tais foram sempre reverenciados entre os índios por primeiro de grão senhorio, e por valentes e fiéis."

Outros especialistas inclinam-se para a forma tabajara, que decompõe em **taba** — aldeia e **jara** — senhor —, e interpretam como querendo dizer senhores das tabas ou aldeias.

Com a publicação da "História dos Jesuítas no Brasil" do Padre Serafim Leite, surgiu mais uma original interpretação para o vocábulo e dada, segundo informa o Padre historiador, pelos próprios nativos serranos que o usavam. Tabajara, segundo êles, deveria entender-se por "senhores do rosto" ou, antes, "donos dos seus rostos".

"A razão do nome, acentua a Carta ânua, citada pelo Padre Serafim Leite, é a singularidade, com que, entre todos os tapuios e a maior parte das nações ainda de língua-geral, êles conservam os rostos limpos de lavores artificialmente perpétuos" (33a).

Metraux ("Migrations históriques des tupi-guarani") embora não faça o estudo explícito dos componentes morfológicos do vocábulo, julga, em nosso entender com muita razão, que tobajara significa, na realidade, inimigo ou contrário.

Seria, pois, um têrmo de acepção vaga, semelhante a tapuia, voz indígena que, interpretada por alguns filólogos como tendo o sentido de adversário ou inimigo, acabou, no julgamento de outros especialistas não menos doutos, sendo simplesmente a palavra tupi em sua forma primitiva, ou originária (34).

A hipótese, aventada por Métraux, para explicar a grafia e significado da palavra tobajara parece-nos, conforme dissemos, assaz defensável. Podemo-la, com efeito, decompor em **toba**, fronte, rosto, e **ará** ou **jará**, senhor, dono ou, seja, senhores ou donos da frente, ou homens que fazem frente e, assim, inimigos ou contrários (34a).

Aliás, Cláudio d'Abbeville, que muito privou com a grei tobajara, sustenta que a palavra quer dizer: "grandes inimigos" e Hans Staden lhe dá, exatamente, a mesma explicação aventada por Métraux.

Os **Tobajaras**, convém recordar, foram sempre adversários decididos dos **Potiguares** pernambucanos, com quem viviam em constantes e porfiadas lutas.

Visando a justificar tão ferrenha animosidade, alegam os historiadores que os **Tobajaras** ligavam-se aos **Tupiniquins** e os **Potiguares** aos **Tupinambás, agrupamentos** tribais de longa data inimigos irreconciliáveis.

A explicação é, sem dúvida, simples e sugestiva, mas deve ser revista em face da maneira de interpretar a palavra tobajara, conforme ficou estabelecida acima (35). Assim, qualquer tribo tupi podia ser tobajara em relação ao tronco de que se destacara, tudo dependendo apenas de fatôres meramente ocasionais.

* * *

De que setor das terras brasileiras procediam os **Tobajaras,** que senhoreavam a Ibiapaba, e em que época aí teriam êles tomado pé?

Tomás Pompeu Sobrinho, autor a que tantas vêzes nos temos reportado, acredita "terem êles alcançado o planalto uma ou duas centúrias antes do descobrimento do Brasil. Quando, no comêço do XVII século, os colonizadores europeus vieram pela primeira vez àquela região serrana, encontraram êstes tupis sòlidamente instalados e perfeitamente adaptados às condições locais, tendo numerosas tabas disseminadas na chapada, e dominavam superiormente os tapuias **(Tarairiús)** vizinhos que certamente haviam expulsado dos melhores sítios da serra".

E esclarece:

"Tais condições, tratando-se mesmo de um povo guerreiro e agressivo, como eram os tupis, requerem pelo menos um século de ajustamento ao meio. Talvez os **Tobajaras**, da serra da Ibiapaba, fôssem dos primeiros tupis que, sob a pressão dos colonos portuguêses de Pernambuco, emigraram para o interior."

No julgamento dos jesuítas, que os missionaram, seriam êles oriundos da Bahia, o que contraria frontalmente o parecer de Pompeu.

"Procedem êstes da Bahia, adonde, os primeiros **Tabajaras** se começaram a propagar, e daí se estenderam pelo rio de S. Francisco arriba, tendo o domínio daquela fertilíssima ribeira até as Serras do Rariguaçu, que há poucos anos conquistaram os paulistas.

Desta Serra do Rariguaçu se partiram quatro principais com as suas Aldeias, por diferenças que tiveram com outros principais mais poderosos da mesma nação, e, atravessando

os sertões do Rio S. Francisco e do Rio Ipiaugui, defendendo-se com suas armas das nações bárbaras que os habitam, vieram a parar em esta Serra de Ibiapaba, em a qual residem há mais de duzentos anos, segundo o cômputo que se pode fazer pelos principais que por direita sucessão há havido nesta serra, e as idades de que morreram segundo se acha em os anais de suas próprias memórias".

Há, porém, que ter presente o fato de os domínios dos **Tobajaras**, fora do Ceará e litoral baiano, serem excessivamente disseminados e amplos.

Imperaram, é certo, nas cercanias do Recôncavo, onde seriam os primeiros invasores de raça tupi, mas viviam igualmente "no território encravado entre as lindes setentrionais da extinta capitania de Itamaracá e Rio Paraíba" e, segundo Métraux ("La civilisation materielle", págs. 15 e 16), no litoral do Espírito Santo e S. Vicente, no rio Mearim e alto Gurupi (35a).

No interior brasileiro, os **Tobajaras** tinham por morada ainda as margens de S. Francisco e terras pernambucanas, a oeste dos **Potiguares**. Qualquer das áreas apontadas poderia, portanto, ser o lugar de origem dos nossos **Tobajaras** serranos. Não está, portanto, solucionada a questão de sua procedência.

Baseado, em parte, no fato de servir a palavra tobajara apenas a designar um grupo tupi inimigo, Métraux explica a chegada dêsses silvícolas à Ibiapaba, dizendo serem êles uma fração dos **Tupinambás** que, saídos dos sertões de São Francisco, desceram o Parnaíba antes daquela que tomou o caminho do Mearim.

Reforça, em nosso entender, a afirmativa, aliás perfeitamente plausível de americanista francês, o fato de terem êles enfrentado de armas nas mãos a bandeira de Pêro Coelho, quando os outros **Tobajaras**, da costa de Pernambuco, eram amigos tradicionais dos portuguêses, e assim, não os teriam hostilizado.

* * *

A rota que percorreram desde o ponto de partida até seus domínios serranos é duvidosa.

A reconstituição, feita com a ajuda de dados históricos registrados pelos antigos cronistas, ou, simplesmente, através das tradições orais que os próprios indígenas conservaram, é quase impossível, por serem ambas desencontradas e fragmentárias, e não sabermos, ao certo, de onde seriam orginários.

GRUPO CARIRI

Os **Cariris** ou **Quiriris**, com os quais, no pensar de Capistrano, os portuguêses só amiudaram contacto no século XVII, possuíam idioma próprio e, na Bahia, se fizeram grandes amigos dos primeiros colonizadores que para lá se transladaram. O jesuíta Fernão Cardim, ao assinalar o fato, diz claramente: "Outros do mesmo sertão da Bahia, que chamam **Cariris**, têm língua diferente; estas três nações (**Goiana, Taicuju** e **Cariri**) e seus vizinhos são amigos dos portuguêses." ("Tratado da terra e gente do Brasil", Rio, 1925, pág. 200.)

Tais são, ao que tudo indica, as mais antigas referências explícitas aos citados silvícolas, que andavam, no relato dos autores mais antigos, incluindo-se sem denominação especial no confuso grupo tapuia.

Cardim escreveu, como se sabe, o interessante trabalho a que denominou "Princípio e origem dos índios do Brasil e seus costumes e cerimônias", em 1584, mas só veio a lume quarenta e um anos mais tarde (1625), publicado em língua inglêsa. Divulgou-o, juntamente com outro escrito do mesmo autor, o britânico Samuel Purchas, sob o título genérico de "Treatise of Brazil written by a portugual which had long lived there".

Nesta primeira edição, conforme se pode ver das notas de Batista Caetano, que ilustram a edição de 1881, se alude apenas aos **Cariús**, nome que viria a ser, nas republicações brasileiras, alterado para **Cariris**.

Só duas décadas depois do aparecimento do livro de Cardim, começam, porém, realmente, a surgir dados concretos acêrca dos **Cariris**, conhecidos, até então, através dos informes necessàriamente tendenciosos dos **Tupis**, seus inimigos de todos os tempos.

São as notícias contemporâneas da invasão holandesa em Pernambuco e devemo-las, em grande parte, à diligência de aventureiros batavos (36). Viajando pelo interior nordestino com o fito de mais bem esclarecer os dirigentes neerlandeses acêrca das singularidades e riquezas da região conquistada, ou capitaneando grossos contingentes indígenas a serviço dos invasores, êles puderam inteirar-se das coisas brasileiras, e, assim, melhor conhecer o modo de vida, comportamento, pugnacidade e as normas sociais que regiam êsses filhos da terra.

Divulgadas oralmente ou lançados no papel pelos próprios entradistas, ou pelos chefes militares, que dirigiam

os silvícolas aliados, tais observações iriam constituir valiosa fonte de informações para os modernos estudiosos do assunto. Sôbre os **Cariris** escreveram ou lhes registraram as singularidades étnicas, também cronistas, sábios e até pintores estipendiados pela Companhia das Índias Ocidentais.

Dentre os escritos da era holandesa, que do assunto cuidaram, avulta, conforme se disse em outra parte, pela abundância de detalhes e fidelidade dos informes, a "Memória" de Elias Herckman sôbre a Paraíba. Êste trabalho, escrito em 1639, no Recife, e publicado na Crônica do Instituto de Utrecht, foi depois, lembra-o Pompeu Sobrinho, traduzido pelo esforçado historiógrafo o Dr. José Higino, que o fêz inserir na "Revista do Instituto Arqueológico e Geográfico de Pernambuco", relativa ao ano de 1886. Daí o transladou Pompeu para as páginas da "Revista do Instituto do Ceará" fazendo-o preceder de um largo estudo explicativo.

Referindo-se aos **Tapuias** em geral, afirma o batavo que compreendiam várias nações. Cita, porém, apenas as quatro seguintes: **Cariris**, que habitavam transversalmente Pernambuco e cujo rei chama Kerioukeion; **Caririwasis**, vivendo mais para o interior e tendo como soberano Kurupato; **Careryouws**, cujo chefe e morada não assinala, e, por fim, **Tarayriou**, evidentemente não aparentada das três primeiras (36a).

* * *

Depois da expulsão dos invasores flamengos, aparecem novas e mais preciosas informações a respeito dos **Cariris**, já agora registados pelos catequistas de diferentes ordens religiosas que militavam no Brasil. Entre êstes incluem-se alguns de origem luso-brasileira, como o jesuíta João de Barros que, pelos meados do século XVII, teria, no dizer de Lourenço Hervas, fundado as aldeias de Cana Brava (Pombal) Natuba (Soure) e Saco dos Morcegos (Mirandela) na bacia do Itapicuru baiano.

A êsse tempo, o desejo de incrementar a propagação da fé católica fizera com que os catequistas, imitando a obra de pioneirismo dos desbravadores da terra, alargassem, cada vez mais, o âmbito dos trabalhos apostólicos.

O domínio dos **Cariris** foi, assim, devassado e nêle se criaram várias missões católicas. Além das mencionadas, surgiram as do Rio S. Francisco, onde assistiam "capuchinhos franceses enviados ao Brasil em 1656, por D. João IV. Cêrca

de 30 anos depois, do Juàzeiro para baixo já se contavam as missões **Oracapa, Cavalo, Pambu, Amariús, Rodelas** e **Paquim.**

Mais tarde ainda, outras foram instaladas, como a de N. S. dos Remédios, Pilar, N. S. da Piedade, S. Antônio, S. Félix, etc.

As melhores noções que temos acêrca das gentes cariris são, pois, quase exclusivamente de fonte missionária. Uma das mais importantes contribuições a êsse cabedal de conhecimentos é o estudo da língua dos **Quipeas,** feito pelo missionário italiano Luís Vicente Mamiani, que a respeito dela nos legou uma gramática. Escreveu também um "Catecismo da Doutrina Cristã na Língua Brasílica da Nação Cariri", obra segundo Pompeu raríssima de que a Biblioteca Nacional possuiu um exemplar pelo menos até 1903, quando êle a teria consultado algumas vêzes.

Digno de nota é, igualmente, o "Catecismo da Língua Cariri" composto pelo Padre Frei Bernardo de Nantes, publicado em 1709, depois daquele, e cuja edição é de 1698. "Bernardo de Nantes, continua o mesmo autor, catequizou os Dzubukuas, das margens do Rio S. Francisco; precedeu-o neste afã outro clérigo francês da mesma estirpe, o ilustre missionário Martin de Nantes, chegado ao Brasil em 1671, onde ficou até 1678. O catequista que teve de lutar tenazmente contra os poderosos senhores da Casa de Tôrre, em defesa dos seus tutelados, escreveu a célebre "Relation succinte et sincère de la Mission du Père Martin de Nantes", em que dá interessantes notícias a respeito dos **Cariris** da serra da Borborema, na Paraíba, onde missionava outro catequista francês igualmente versado na língua dos **Tapuias,** o Padre Teodoro de Lucê (Pompeu).

* * *

Eram os **Cariris,** consoante a lenda tribal inserta no prefácio do "Catecismo da doutrina cristã na língua Brasílica da nação Cariri", o Padre L. V. Mamiani, oriundos de um lago encantado existente para as bandas do setentrião, lago que na opinião de Capistrano bem poderia ser o próprio Amazonas.

A identificação levou o historiador cearense a admitir terem os gentios dali migrado, seguindo pelas praias até colidirem com os Tupiniquins, que, também, pela marinha, marchavam em direção contrária. Batidos e desviados da rota

primitiva para a retroterra, alcançaram êles, mais tarde, em lenta caminhada, os sertões maranhenses (37).

Da ampla destribuição de topônimos, de índole francamente **cariri**, derramados pela hinterlândia, desde Paraguaçu, ou S. Francisco, até o Parnaíba, infere o mesmo historiador que o grupo indígena cobria a grande área sertaneja, metida entre os citados cursos de água.

Da Paraíba ao Ceará, os nomes **Siridó**, (sibiró) **Siará**, **Choró** (Siaró) **Sitiá**, etc., crismando rios do interior ou do litoral, seriam, igualmente, índices certos de sua presença nessas terras nordestinas.

A larga expansão das gentes **Cariris** para o sul, em eras mais recuadas, seria atestada pelas denominações características de **Orobó**, na costa do Espírito Santo, e as de **Teremembé** e **Quirim** em S. Paulo (37a).

O historiador insinua, até, a hipótese segundo a qual os **Papanás**, **Goitacás** e **Guaianás**, gentios antigos da costa centro-brasileira, seriam seus rebentos meridionais (37b). A sugestão é, aliás, difícil de comprovar, ante a confusão e deficiência de dados (38).

Em direção do norte, disseminaram-se os **Cariris** em terras de além Parnaíba. Que por aí andaram, se apuraria da "Memória" de Maurício de Heriate sôbre o Maranhão.

* * *

Segundo o Prof. Estêvão Pinto, que muito bem estudou o assunto, "a agricultura dos **Cariris** era bem desenvolvida (mandioca, feijão, milho, etc.) e superior à dos **Jés**, embora menos avançada que a dos **Tupis**. Na sua maior parte, os índios dessa família, usando um tear primitivo, faziam rêdes, onde dormiam; fabricavam também um tipo de cerâmica rudimentar, semelhante à de algumas tribos amazônicas ou correspondente à dos **Sucurus**, de Cimbras.

Os **Cariris** não praticavam a antropofagia, nem usavam o tacape de guerra, sendo sua arma especial a "prancheta de jogar", a que davam o nome de **hyhytè**. A pintura com urucu ou jenipapo era comum e, já para os fins do século XVII, alguns dêsses índios ornavam-se com metaras ou botoques (nos lábios e nas orelhas). Permitiam-se a poligamia, mas as mulheres exerciam uma espécie de matriarcado. A autoridade do morubixaba tinha caráter mais nominal do que efetivo, exceto em tempo de guerra. Vestígios dos ritos de passagem, para ambos os sexos, são inferidos de certas práticas:

as môças, por exemplo, a fim de tornarem-se boas fiandeiras, sofriam escarificações (nos noviços do sexo masculino as sarjaduras, ou incisões, eram feitas com dentes afiados, colocando-se, em seguida, nas chagas abertas, pó de ossos queimados de animais e de peixes, o qual era misturado a uma bebida).

Durante o período da iniciação, os jovens caçadores iam às matas; mas o produto de seu labor distribuía-se pelos mais velhos da tribo, contentando-se os jovens apenas com um pouco de milho ou caça. À noite, durante o tempo dêsse jejum, os mesmos dançavam e cantavam até à exaustão.

Mamiani enumera algumas práticas mágico-religiosas dos **Cariris**: curar o doente com sôpro ou cantigas, ou pintar-lhe a pele com tinta de jenipapo ("para que não seja conhecido do diabo"); espalhar cinza à roda da casa do defunto ("para que o diabo daí não passe a matar os outros"); pôr cinza no caminho, quando se carrega pessoa doente ("para que o diabo não vá atrás dela"); banhar a criança com aloá ("para que, quando fôr grande, seja bom caçador e bom lutador").

Evita-se a bexiga, deixando-se de sair à noite ou pela madrugada ou, ainda, varrendo o adro da casa. Havia pássaros muito agoureiros; a pessoa acusada de feitiçaria, podia ser condenado à morte. A dieta da parturiente era vegetariana, — até que nascessem dentes à criança.

Essas práticas mágico-religiosas são denunciadas pela etimologia de certas palavras: **bidzamu**, "pagé" (**bi** "tocar levemente"; **dazamui** "desterrar"); **niêwo**, "diabo" (**ñia**, "morrer, morte"; **wo**, errante"); **kluniêwo**, "cabeça" (**"klu"** "o que tem algo vivo"; **niêwo** "espírito da natureza").

Segundo informações de Frei Bernardo de Nantes, os povos cariris, que guardavam as velhas crenças, eram chamados **Chuminis**; a mitologia dos **Chuminis**, entretanto, já estava entremeada de catolicismo (a trindade divina; os dois irmãos, filhos de Deus, que brigam entre si, morrendo um dêles). Ao tempo de Mamiani, os **Cariris** tinham choças de barro e serviam-se de cordões nodados, para a enumeração. Havia, entre êsses índios, o divórcio e a prostituição (os índios pagam os amôres com peixes, os negros com gado ou carne e os brancos com tecidos ou pérolas de vidro).

Nimuendaju, em um dos seus mss., trata do culto da jurema, que o mestre do cerimonial, brandindo o maracá adornado de penas, serve aos circunstantes. A bebida sagrada proporciona maravilhosas visões e sonhos, que se relacionam

com rochedos enfeitiçados, ou pássaros desprendendo relâmpagos de um enorme tufo existente no alto da cabeça.

Conhecem-se alguns mitos dos **Cariris**. Em um dêles, Tupar (Toupart) manda um velho amigo à Terra, para viver com os índios, que lhe chamam de avô. Êsse "avô" transforma os filhos dos **Cariris** em porcos do mato. Os filhos, assim transformados, escalam o céu por meio de uma árvore, que depois é destruída ou abatida pelas formigas.

Em vão, os pais tentam levantar novamente a árvore e, não o conseguindo, suplicam ao "avô" que lhes restitua os filhos; mas o "avô", em lugar de retornar à Terra, envia em seu lugar **Badzé** o deus do fumo.

Rodolfo Garcia lembra as coincidências, que Carlos von den Steinen encontrou entre os **Cariris** e **Camacan-Massacarás**, salientando uma das suas características, — eram êsses índios pouco tagarelas, ao contrário dos outros, "palradores incoercíveis". Uma carta do Padre Jacó Cócleo até há bem pouco tempo ainda não divulgada em português, revela mais algumas informações a respeito da índole dos **Cariris**, da Canabrava, isto é, o seu temperamento pacífico e, ao mesmo tempo, melindroso e infenso ao castigo. As relações jesuíticas desvendam ainda fragmentos da cosmogonia (já com evidente influxo cristão), assim como alguns dos seus costumes e ritos religiosos. Nas festas do **Uariquidzam**, os **Cariris**, mascarados ou pintados, com os seus instrumentos musicais, dirigiam-se a uma cabana sagrada, de onde, ao acabar a cerimônia, os dançarinos saíam, frenéticos, a fustigar violentamente todos os que se achavam do lado de fora. Eram as festas, onde havia cantilenas, bailes, músicas, fumigações e consumo de bebidas, celebradas periòdicamente, uma ou duas vêzes ao ano e nelas os índios pediam saúde, bom tempo e fartura de mantimentos.

Os **Motitises**, provàvelmente um ramo cariri, que viviam em Juru, Natuba, Saco dos Morcegos e outras regiões de São Francisco, contavam os anos pelo nascimento das Plêiades, ocasião em que se metiam no rio à procura do peixe. Costumavam tais índios lavar os filhos recém-nascidos na água em que tinham cozido a caça, "para que saíssem bons caçadores"; os mortos eram inumados em potes. Uma das suas mágicas consistia em espalhar cinza em redor da casa do defunto. O viúvo, após o entêrro, cortava o cabelo e escondia-se, por algum tempo, no mato; quando retornava à aldeia, os companheiros, medrosos, fugiam da sua presença.

Usava-se o chôco, ou covada, por ocasião do primeiro parto da mulher. As festas do **Uariquidzam** eram praticadas pelos **Moritises**, assim como pelos **Paiaias**, em Geru, território sergipano. Numa cabana, adrede preparada, colocava-se uma cabaça ôca, com vários orifícios, à feição de cabeça humana; debaixo dêsse fruto acendia-se fogo com lenha verde e, em seu derredor, orientados pelo pajé, os índios fumavam e aspiravam o fumo saído dos orifícios. Nesse momento, em tôrno da choca fechada, dançavam os guerreiros moços, ao som de maracás e flautas. As festas duravam três ou quatro dias.

Uariquidzam, ao que parece, era um dos gêmeos místicos, irmão de **Peditã**; ambos habitavam a constelação do Órion e dêles dependiam as chuvas e os alimentos. Porque o culto, todavia, se limitasse ao primeiro, é bem provável que **Uariquidzam** fôsse o mano bom, ou uma espécie de herói civilizador. Em Mamiani, a palavra **Warakdizá** significa "sonho". Como se sabe, entre alguns índios do Brasil, tais como os **Tapirapés**, o contacto com os espíritos verifica-se nos sonhos: Os sonhos tinham enorme influência nas operações bélicas dos **Tupinambás** (38a).

* * *

C. H. Goeje, dos autores que mais intimamente penetraram a psiquê dêsses indígenas, assim se manifesta a respeito dêles, depois de paciente estudo dos seus dialetos, particularmente o **dzubucuá** ("O Cariri do Nordeste Brasileiro", Rev. do Inst. do Ceará, tomo LXIV — 1950, pág. 211): —

"Não é de se admirar que o Mundo, para as condições anímicas demonstradas por esta língua, apareça, diz êle, como conjunto de potências que devem ser levadas constantemente em consideração pelo Homem, e não como conjunto de objetos com os quais êle possa fazer o que deseje.

Encontramos vestígios insofismáveis de concepção mágica, continua o nosso informante, no **u** e nas palavras-categoria. O "Catecismo" (págs. 68, 113, 128, 130, 176, 194, 211, 212, 262, 290, 294, 328 e 357) relata que eram pertinentes à velha crença: 1) pintura ou fricção de urucu ou jenipapo na pele; 2) confessar-se na mata (**mo liedse**; a palavra **leidse** significa talvez; **le**, **re** caráter, viril; **idse**, entidade, real, muito); 3) as libações festivas (**Ka, sapoñiu**; **ka** dizer, denominar-se; **so-tscho**-homem?; **p-oñe** volúpia?); 4) soprar os enfermos; 5) espalhar cinzas em tôrno do leito do enfêrmo,

a fim de espantar o diabo; 6) vaticínios pelo pajé (médico-feiticeiro). Neste sentido são ainda interessantes as seguintes palavras: **bidzamu,** pajé (**bi** tocar levemente; **dzamui** desterrar); **niêwo** diabo; possìvelmente: espírito da Natureza (**ñia** morrer, morte; **wo** errante; **Kluniêwo** cabaça); provàvelmente alusão à cabaça usada no ritual mágico (**klu** o que contém algo vivo ou mágico; **niêwo** espírito da Natureza).

O Padre Bernardo de Nantes denomina a velha crença **hemumu-te wania** (**homu** céu; conseqüentemente: o céu celestial dos pagãos?). Os povos que possuíam esta crença, denomina êle **Chuminis,** "vossos parentes, homens vermelhos como vós"; **d seho hemu-mu** povos dos céus? Pode ser que a palavra também se relacione com **Sumé,** o nome de um Salvador dos **Tupis.**

Os **Chuminis,** ou **Cariris,** acreditavam na existência de três deuses: o pai **Badze,** o filho **Politão** e o companheiro ou amigo **Wanaguidze;** além disso criam que Deus tivesse dois filhos, que brigaram entre si. O mais jovem foi embora. Muitos anos depois o irmão mais velho foi procurá-lo na Terra, para o que tivera permissão do pai; o irmão mais jovem, porém, e seus descendentes, ofenderam-no e o amarraram numa árvore. Êle morreu de sêde e sua mãe chorou muito. Após sua morte apareceu-lhe várias vêzes até ascender ao céu e não mais ser visto.

Reconhece-se, aqui, a história de Cristo. Os dois irmãos lembram Caim e Abel ou a história do filho pródigo. Poderá, entretanto, também ser a fábula indígena dos sóis semi-deuses e, talvez, aí exercessem sua influência outras crendices primitivas dos índigenas.

Badze é, aparentemente, a mesma palavra **pedzu,** pai ou senhor. **Wanaguidze,** talvez: **wana** invisível; **idze** muito ou entidade; e poderá muito bem significar: Espírito (santo). Compare-se ainda: **wanadzi** medicamentos. **Politão** é empregado também na acepção de adolescente; entretanto não me foi possível, assegura Goeje, encontrar a origem desta palavra, e é provável que tenha sido, originàriamente, o nome de um herói do culto indígena. É que se acreditava que Politão distribuía a sorte na caça e pescaria, e exige o uso de batoque entre os índios.

Opinava o Padre B. de Nantes que os indígenas primitivos estavam familiarizados com as verdades cristãs e que estas lhes haviam sido talvez transmitidas pelo apóstolo S. Tomé (Cat. pág. 177).

Os **Cariris** criam terem seus ancestrais surgido de grande mar que ficava situado ao Norte. Compare-se, quanto a isso, **dzu** água; **tso dso** ser derramado e **dzo** chuva; **tscho** ser, ser criado; **dzoho** ser sadio; **dscho K ksoho homem; hi** — (a - di) **bidziho** eu (tu, êle) pessoalmente.

Como já foi dito, é provável que o cariri se sentisse como que passivamente carregado e perceptìvelmente sentido quanto ao Mundo; ou poderia, talvez, ser que êle considerasse êste Mundo por assim dizer materno-feminil, ou sentisse a Mãe como representativa dêste Mundo?

Compare-se **âdse** entidade, espécie; **dze** nome; **dhe K** de mãe; **K dzedze** irmã mais velha. Não pude obter a certeza sôbre se sentisse a Mãe como representativa do Mundo? Com o **kuku.**

Enumerando outras características dos **Cariris** (39) assim prossegue o autor, a que nos estamos reportando: — Tinham choças de barro; serviam-se, para a enumeração, de cordões nodados; (**kiekoto; kie** estar amarrado; **koto** pôsto de lado, guardado?); os **Cariris** pagãos, quiçá não originàriamente, conhecerem mulheres e môças que se prostituíam venalmente; os índios lhes davam peixes; os negros, gado e carne; os brancos, tecidos, pérolas de vidro, ornamentos.

Nieuhof louva os bons costumes dos tapuias, dentre os quais enumera também os **Cariris.** Diz êle ainda que êstes moram em aldeias, manufaturam grandes rêdes de dormir e não usam zarabatanas, porém arcos.

Também Rab von Waldeck cita os **Cariris.**

Ao tempo de Martius e Wied já se dispunham a abandonar seu estado natural; êste último afirma que, sem exceção, os **Cariris** serviam ao Estado na qualidade de soldados. O Professor O. Quelle disse que encontrou nessas regiões, no ano de 1927, homens que sòmente pelos caracteres somáticos traíam sua origem indígena".

* * *

Tomás Pompeu Sobrinho liga os **Cariris** aos componentes neolíticos da quarta corrente humana que, segundo êle, chegou à América já em pleno Holoceno, e lhes aponta, como lugar de procedência remota, a Ásia Oriental. Aí estaria a área de caracterização da raça paleomongolóide de que seriam originários.

Um importante ramo dêste conjunto étnico, tendo saído primitivamente na direção sul-sueste, se foi superpor, ou

ajuntar-se, às velhas populações das regiões sul-orientais daquele continente. Invadiu, também, a Indonésia, onde surgiria uma nova raça, a protomalaia, perfeitamente adaptada ao imenso agregado de grandes e pequenas ilhas tropicais quentes e úmidas. Crescendo em número, expandiram-se, por sua vez, os **Protomalaios,** assenhoreando-se da quase totalidade das terras polinésicas e micronesianas. Chegaram aos mares e ilhas da China, do Japão, Filipinas e às praias continentais mais próximas onde, em vários lugares, receberam a sua característica influência étnica e cultural.

Das costas da China setentrional à América, nada pràticamente faltava. Por mar, navegando nos seus barcos armados de balancim, ou perlongando as costas asiáticas e os cordões de ilhas, do Japão à Kamchatka, e desta península, pelas Aleutinas, senão também pelo próprio estreito, teriam chegado ao Nôvo Mundo (40).

Os **Protomalaios** eram braquicéfalos de baixa estatura e tipo mongolóide, neolíticos agricultores, ceramistas, tecelões e navegadores e teriam, em terras do Continente colombiano, dado origem a dois tipos raciais distintos — o **Sudéstido,** na América do Norte, e o **Brasílido,** na América Meridional.

O **Brasílido** — A área de caracterização dêste importante tipo étnico estaria situada na região ocidental cisandina da bacia do Amazonas, ao norte do curso do rio do mesmo nome. Logrou enorme difusão pelas regiões quentes e úmidas da América a do Sul, pelas ilhas do mar das Caraíbas.

As extraordinárias habilidades náuticas dos **Protomalaios,** seus ancestrais, teriam sobremaneira contribuído para esta expansão dentro da amplíssima bacia amazônica. As do Orenoco e Paraguai dominaram fàcilmente, mercê da adaptação das suas canoas à navegação fluvial.

Como agricultores, preferiram as terras florestadas, úmidas e quentes, férteis e fáceis de trabalhar, tão abundantes nos numerosos vales destas bacias fluviais.

Todavia, não se conservaram nos limites das suas vertentes. Pelos grandes afluentes chegaram a dominar a quase totalidade da América do Sul, acima do paralelo de 30° sul, com exclusão das regiões frias e estéreis das altas montanhas, os campos áridos e os desertos, impróprios às culturas da mandioca e do milho.

No Nordeste do Brasil habitaram os lugares menos áridos, alguns vales frescos e trechos das margens do rio S. Francisco, bem como o litoral atlântico ao sul da barra

dêste rio e um pouco ao norte. Na costa setentrional do Brasil, viveram nos melhores rincões e em vales da vertente atlântica, no Maranhão, no Pará, nas Guianas e Venezuela.

Antropològicamente os **Brasílidos** se caracterizam, quanto ao aspecto físico:

1) Estatura baixa, média nos homens 160
2) " nas mulheres 147
3) Cabeça um tanto curta e baixa, sendo:
   a) índice cefálico, médio 82
   b) índice médio de altura 80
4) Cara larga; índice facial 89
5) Nariz um tanto chato; índice nasal médio 82

Completa êste quadro: compleição assaz robusta, musculatura desenvolvida, espáduas largas e amplo tórax; mãos e pés grossos e curtos, tronco desenvolvido e membros curtos. Tudo isto dá aos brasílidos um aspecto geral braquióide, que os faz parecer parente próximo dos mongóis. Porém um contacto com os velhos habitantes paleolíticos e mesolíticos dólico-hipsicrânios ou mesocéfalos, em algumas regiões, modificaram seus traços autropológicos, mas sem mascará-los completamente.

Quanto ao aspecto cultural, as suas indústrias neolíticas foram sempre melhorando e delas fizeram uso inteligente, adaptando-se às circunstâncias do meio. Não raramente impuseram às tribos vizinhas de cultura inferior importantes elementos, melhorando a vida de velhas tribos paleolíticas. Foram grandes difusores de cultura.

Ao enxame brasílido pertencem **Aruaques, Tupis Guaranis, Caraíbas** e **Pebas** e várias outras famílias de menor importância.

* * *

A inclusão dos **Cariris** no Grupo Brasílido se deve como vimos a Tomás Pompeu Sobrinho, que assim prossegue a sua exposição sôbre a matéria (41):

"Poucas as tribos, como as dos **Cariris,** empreenderam uma migração excepcionalmente longa. Êstes indígenas chegaram às margens do ramo oriental do Rio S. Francisco, depois de um perambular dramático pelo Rio Amazonas e seu afluente Tocantins, através de regiões muita vez habitadas

por hordas dos descendentes dos **Australóides** das primeiras correntes. Nesta jornada, os Cariris, naturalmente, perderam por desnecessários alguns elementos da sua cultura original e adquiriram outros sob a imperiosa contingência mesológica dos seus novos domínios, invenções ou empréstimos dos povos com quem se haviam pôsto em contacto. Uma vez estabelecidos nas margens e ilhas do S. Francisco, depois de algum tempo tiveram de expandir-se premidos pela necessidade de espaço com o crescimento das tribos; seguiram então a levas levadas para ou pela Serra de Borborema até alcançar o Rio Salgado, afluente do Jaguaribe, no Ceará, onde foram ocupar o vale entre as serras do Araripe e de São Pedro, abundante d'água e todo o vale do Rio Salgado que era então perene. Possìvelmente, ainda no Ceará, moravam em trechos limitados das bacias dos Rios Cariús, dos Porcos ou Podi-mirim, Rio das Antas do Rosário e de poucos outros afluentes do Salgado. Viveram no oeste da Parnaíba, nas cabeceiras do Rio Piranhas nos melhores tratos da Serra da Borborema (42). Outras levas preferiram marchar para o sul.

Quase nada se sabe da somatologia do Cariri, além de que tinha estatura baixa, e cabeça curta. A sua cultura é, como se viu, melhor conhecida (43)."

Pesquisas recentes de Rivet e Louktka confirmando, aliás, trabalhos anteriores, particularmente os de Hervas, mostram que a família lingüística de que nos ocupamos, compreendia os **Cariris** pròpriamente ditos, com dois dialetos e **Quipéa** ou **Caitiri** (da serra dos Cariris Novos) e o **Dzubucuá** ou **Quiriri**, do Rio S. Francisco (Missões, Cana Brava, Natuba). No território das missões dois outros dialetos estavam em uso — o **Sapuía** ou **Dabujá**, na Serra da Chapada, na Bahia, e o Camuru, falado na aldeia de Pedra Branca, sôbre o Pardo (44).

Pensa Pompeu Sobrinho que outras variedades dialetais, hoje perdidas, deveriam existir no Nordeste, e esclarece que "os índios Cariris Novos, no Ceará, provàvelmente usavam um linguajar algo diferente dos acima referidos, como alguns topônimos deixam suspeitar" (45).

* * *

Malgrado não restarem hoje, no Ceará e no Brasil, grupos humanos independentes que possam ser filiados aos **Cariris**, resquícios dêsse povo se conservaram em Alagoas e sertões da Bahia.

Em número de 173 viviam, pelas altura de 1955, no Município de Pôrto Real do Colégio, naquele Estado; na Bahia, seu número elevar-se-ia a 975, conforme apurou Estêvão Pinto ("Etnografia Brasileira" pág. 22). Os **Cariris** baianos habitavam Mirandela, no município de Ribeira de Pombal.

Seus hábitos, costumes e crenças e somatologia poderão ser, assim, apurados e estudados à luz da moderna ciência antropológica.

As cabildas dessa nação existentes no Ceará, quando ocorreu o povoamento, seriam os seguintes:

1 — **Ariús, Gariús, Guriús,** ou **Uriús**
2 — Cariris — no extremo-sul da Capitania (45a)
3 — **Cariús** — cujos domínios eram principalmente a Serra do Pereiro e terras situadas entre os Rios Cariús e Bastiões
4 — **Cariuanês** — também localizados nos sertões do Cariri
5 — **Caratiús**
6 — **Coremas** ou **Curemas** — no Rio Piancó
7 — **Inhamuns** no sertão do mesmo nome (46)
8 — **Isus** nas nascentes do Salgado

GRUPO TREMEMBÉ

Quando os luso-brasileiros iniciaram a conquista das terras nordestinas, os **Tremembés, Teremembés, Taramambés,** etc., erravam entre os Rios Camucim e Parnaíba, eventualmente, estendendo os seus passos até a foz do Itapicuru. Há quem lhes assinale domínio mais amplo, afirmando que viviam entre o Curu e a Baía de S. José, no Maranhão. Temos, porém, por mais acertado admitir que, na época dos seus primeiros contatos com os colonizadores portuguêses, vagassem pelas praias do Meio-Norte entre Lençóis e Almofala e que, à maneira de alguns de seus descendentes atuais, se ocultassem também nos manguesais que cobrem o delta do Parnaíba e margeiam o baixo curso dos Rios Timonha, Camucim e Acaraú.

Na centúria anterior, seu **habitat** devia ser bem mais dilatado. Alcançaria, conforme opinam alguns especialistas, à foz do Açu ou, talvez mesmo, o Cabo de S. Roque. Para o setentrião, chegavam provàvelmente ao Gurupi, nas lindes paraenses. Há indícios veementes da presença dêsse povo ao nascente do promontório da Jabarana (Ponta Grossa), no

atual município de Aracati. Entre aquêle promontório e o desaguadouro do Rio Apodi, uma enseada com a denominação de **tremembé**, recorda, explica-o Pompeu, a gente que ali vivia outrora.

Tribo alguma do Brasil se mostrou tão revel à incorporação em qualquer dos grandes grupos etonolingüístico em que os nossos antropólogos ordinàriamente dividiam os aborígines brasileiros; nenhuma acendeu, em tôrno de si, tantas controvérsias, antes de os especialistas chegarem, como solução definitiva, a constituir, com ela, uma entidade línguo-cultural autônoma.

O fato é, em verdade, bastante estranho, se tivermos em conta que, vivendo ordinàriamente em trechos da costa leste-oeste, de acesso relativamente fácil, e sendo, de natural, belicoso, cedo atraíram a curiosidade dos viajantes espanhóis, franceses e portuguêses que por ali cruzavam, merecendo dêles e dos cronistas das mesmas nacionalidades, numerosas referências escritas.

Ocuparam, também, a atenção dos administradores da capitania do Ceará e do govêrno do Maranhão. Aos nossos dias chegaram, por êsses motivos, copiosos e interessantes acervo de indicações relacionadas com seus usos, costumes, **habitat** e, até, peculiaridades anátomo-psicológicas (47).

As lutas armadas que sustentaram contra os indígenas de outras parentelas e as insídias armadas contra os luso-brasileiros que, por isso, jamais lhe deram quartel, vêm igualmente referidas com bastante insistência nas crônicas da terra.

* * *

Berredo, nos "Anais do Estado do Maranhão", Ivo d' Evreux, na "Viagem ao Norte do Brasil", e o Pe. João Filipe de Bettendorf, na "Crônica da Missão dos Padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão" (1646), e outros, dêles se ocupam detidamente, tornando mais ou menos conhecida a sua existência atormentada e miserável.

"São valentes os **Tremembés**, diz o Padre Ivo d'Evreux, e temidos pelos **Tupinambás**; de estatura regular, mais vagabundos do que estáveis em suas moradas; alimentam-se ordinàriamente de peixes, porém vão à caça, quando lhes apraz; não gostam de fazer hortas, e nem casas; moram debaixo das choupanas; preferem as planícies às florestas porque com um simples olhar descobrem tudo quanto está às suas vistas."

"Não conduzem após si muita bagagem, pois contentam-se com seus arcos, flechas, machados, um pouco de cauí, algumas cabaças para guardar água, e uma panela para cozinhar a comida; com mais destreza que os **Tupinambás,** pescam à flecha; são tão robustos a ponto de segurarem pelo braço um dos seus inimigos e atirarem-no no chão, como se fôsse um capão. Dormem na areia ordinàriamente."

* * *

Berredo põe em relêvo, de preferência, suas qualidades de eméritos nadadores, a índole feroz e os ardis de que usavam na guerra.

"Sendo todos os índios americanos grandes nadadores, são os **Taramambés** entre todos êles os mais insignes; porque sem outra embarcação, que a de seus próprios braços, e quando muito um pouco remo, além de atravessarem em muitas léguas de água, se conservam também debaixo dela por largos espaços livres de receio; e aproveitando-se naquele tempo desta habilidade os documentos bárbaros de sua fereza, se algum navio dos que navegavam para o Maranhão, dava fundo na costa (como se faz sempre preciso para montar a coroa grande, baixo mui perigoso), empenhavam tôdas as diligências no silêncio da noite, por lhe picar a amarra, para que buscava logo, seu fatal naufrágio nas mesmas vizinhanças de sua vivenda, não só se servisse à sua ambição nesta infame vitória dos despojos da carga, mas também das vidas inocentes dos pobres naufragantes, à brutalidade de sua gula."

O Padre João Filipe de Bettendorf completa, em largas pinceladas, o retrato dêsse povo estranho.

Depois de aludir às suas habilidades de nadadores, (Livro VII, Cap. 3º., de sua "Crônica") realça — ao tratar da expulsão dos Jesuítas do Maranhão — o fato de serem êles consumados rapinantes.

"Chegados que fomos ao rio Timonha, vieram os índios a nado visitar-nos com uns poucos de tartaruga, que traziam em sua canoinha, em que iam até mulheres. Foram recebidas, porém, com as armas escondidas em lugar oculto para mais cautela; furtaram-nos àquela ocasião uma campinha nova do Reino, sem o sabermos senão quando, saídos os **Teremembés** em seus areais, a foram tocando os rapazes, enquanto iam correndo pelo outeiro a riba."

Põe o cronista igualmente em destaque, a repulsa que tinham pelas coisas de religião. Assim escreve: "Costuma dizer o Padre Pero Pedroso, o qual, como missionário das Serras de Ibiapaba, tinha tratado muito com os **Tememembeses** sem nunca poder converter um só dêles à nossa Santa Fé, que lhe parece que eram precitos todos; também confesso que desta ocasião nunca pude dar-lhe um bom sentimento de Deus quando me vinham ver".

* * *

Referências desabonadoras aos **Tremembés** encontramos, ainda, na carta mandada de S. Luís por Frei Cristóvão de Lisboa ao Padre Manuel Severim de Faria, em 2 de janeiro de 1627. Que nos baste transcrever dêste relato o tópico seguinte, para têrmos uma idéia de quanto êles eram bravios: "Morrer pelejando como homem com os selvagens **Tememembeses** que gritavam que nos haviam de comer."

Os dados mencionados, embora numerosos, não foram, porém, capazes de levar os estudiosos das nossas cousas a uma solução definitiva para o problema das afinidades etno-culturais dêsses silvícolas. Daí as divergências, muitas vêzes chocantes, que se notavam entre os etnólogos a propósito das suas conexões com os outros grupos aborígines.

Dos **Tremembés** se ocuparam ùltimamente Carlos Estêvão e Florival Seraine — que lhes estudou as lendas e coligiu interessantes dados folclóricos, e, ainda, Tomás Pompeu Sobrinho. Êste etnólogo, valendo-se das indicações sôbre êles acumuladas nos derradeiros quatrocentos anos, e, mais do material colhido **in-loco** por aquêles dois especialistas, deu-nos um retrato étnicocultural bastante sugestivo. Para tal serviu-se, outrossim, de notas inéditas que possuía.

Eis como os descreve o antropólogo cearense: **Caracteres morfo-fisiológico:** elevada estatura e grandes pés; grande robustez e fôrça física (48).

Caracteres etnológicos: 1) alimentação — especialmente peixe, carne, (caça); preparo e cozimento dos alimentos (panelas). Cerâmica grosseira, cabaças para a condução de água; bebida fermentada preparada com o suco do caju. Êste fruto era um interessante alimento no último quartel do ano.

A grande tartaruga das praias era àvidamente caçada. Os ovos de aves aquáticas e a caça a estas, que abundavam nas lagoas litorâneas, gozava de especial importância. A pesca,

porém, era preferida; usavam o anzol de ossos e um pequeno arpão, mas eram particularmente peritos no flechar os peixes de vulto médio.

2) Agricultura — pequenas roças de mandioca; provàvelmente plantavam também algodão, pois possuíam fusos; talvez o milho, visto como nas suas praias se tem encontrado numerosas moletas de pedra. Entretanto, afirma Ivo d'Evreux, não gostavam de fazer hortas (agricultura), atividade, certamente, adquirida por empréstimo não muito antigo.

3) Animais domésticos — possuíam o cão; desde quando, não se sabe, porém, provàvelmente era êste de origem colonial.

4) Indumentária e adornos — de positivo nada sabemos a respeito. Como fiavam, é de crer que preparassem também tecidos, faixas estreitas, etc., para uso pessoal. Não tinham rêdes de dormir, por isto que o faziam no chão, de preferência nas areias das praias.

5) Casa e aldeias — moravam em choças construídas com ramos de árvores ou fôlhas de palmeiras; nada se sabe quanto às suas aldeias.

6) Indústrias — os seus principais utensílios eram machados de pedra, que sabiam encabar; alguns, principalmente os usados na guerra, tinham a forma de crescente (semilunar). Êstes eram especialmente muito bem polidos. Na sua área de dipersão encontram-se muitos outros objetos de pedra, como punções, raspadeiras de peles, etc. A cerâmica era muito rudimentar. Confeccionavam cestos com palha de fôlhas de carnaubeira; provàvelmente também teciam esteiras com êste material.

7) Guerra e armas — de ordinário, atacavam os inimigos de surprêsa, para o que sabiam preparar interessantes planos estratégicos. Defendiam-se bravamente quando atacados e, quando se sentiam fracos, fugiam para impenetráveis abrigos nos canais e meandros fluviais dos deltas e estuários, cobertos de espessos mangais. Para isto, dispunham de pequenas e velozes canoas e boas pernas habituadas à marcha nos areais. Como armas empregavam o arco com flechas relativamente pequenas, lanças, machados de pedra encabados. Não sabemos se usavam também o propulsor. As pontas das suas flechas eram de osso acerado de dentes de tubarão.

8) Casamento e família — nada conseguimos saber a êste respeito.

9) Organização política e govêrno — também não nos foi possível algo de útil vislumbrar neste sentido.

10) Religião e magia — eis outro campo virgem para ser explorado. Notaram os primeiros missionários do Maranhão a dificuldade de lhes incutir idéias religiosas, conforme faziam ou conseguiam entre os **Tupinambás.** O Padre Bettendorf ficou escandalizado quando um chefe tremembé, a que procurava doutrinar no colégio do Maranhão, lhe disse **"céu não presta para nada, só a terra sim, esta é boa".** Para o índio, só a terra era boa, porque lhe dava peixe e carne com que se alimentar. Ao que parece, a chuva que fertilizava o solo era condição, não do céu, mas porventura, de alguma cousa sujeita à fôrça da magia de algum feiticeiro da tribo.

11) Divertimentos, danças ou práticas relacionadas com a magia.

No tocante às atividades da vida psíquica, apenas se conhece o que recentemente colheu Florival Seraine, nas praias de Almofala, onde teve oportunidade de assistir à festividade que os nativos chamam **torém** (49). Trata-se, diz o Dr. Seraine, de uma dança imitativa, pantomímica, dirigida por um índio, que se coloca no interior de um círculo formado por dançadores, o qual executa os movimentos coreográficos próprios, cantando esquisita melodia. No curso da dança é distribuído entre os executantes uma bebida fermentada, preparada com o suco do caju (mocororó). Uma mulher se encarrega desta distribuiçbo e, ao fazê-lo, canta, sendo o o canto repetido em côro pelos que dançam. (Ver "Contribuição ao Estudo da Influência Indígena no Linguajar Cearense", de F. Seraine, in Tomo LXIV, 1950 da Rev. do Instituto do Ceará.)

A língua dos **Tremembés** é desconhecida. Dela restam apenas palavras com significação ignorada: um único antropônimo e poucos topônimos. O Dr. Seraine colheu o texto de algumas estrofes do canto recitado no **torém,** mas, apenas um vocábulo oferece significação positiva: **aguaím,** maracá. Os demais são **quirará** que parece nome de animal, **vidiú, taía, gurecê, pôpê, jári** que parece o nome de alguma divindade, **mivê, agui, mãnin, mãnima ,carecê, camungadiá, andê êdiri, dirirá, dicandugá, nagura, guaixê ariguê.**

O antropônimo é **Midinapá,** nome de um herói tremembé que, já ferido numa luta desigual com as tropas do Maranhão, e sem poder manter-se de pé, ainda pelejou valorosamente até morrer. Os topônimos colhidos são **acuma,** nome do atual Rio Juá; **aguamamune,** nome das serranias que se avistam desta Capital; **ariama,** nome do Rio Acaraú; **Josari,** denominação antiga do Rio Timonha ou, talvez, do seu afluente

Ubatuba; **Curubon** ou **conuron**, nome de uma ilha; **estaju**, pequeno morro na costa do Acaraú, Tutóia nome de lugar".

* * *

Taunay, seguindo a Capistrano, afirma pertencerem os **Tremembés** ao grupo **Cariri**, interpretação considerada hoje inteiramente falsa.

Martius e Rivet, por sua vez, tomando por base a existência de determinadas afinidades do falar tremembé com a língua geral, os filiavam ao grupo tupi, contra o que, com muita sensatez, protesta P. A. Métraux (op. cit, pág. 8), tendo em vista as singularidades de seus usos e costumes. Eram, com efeito, relativamente nômades, não se devam à cultura do solo, de maneira habitual, e mostravam-se, como se viu, infensos a construir abrigos permanentes. Ignoravam, por outro lado, o uso da rêde, etc.

Êste americanista, levado pelo estudo de vocábulos tremembés conservados por Bettendorf, chegou à conclusão acertada de que êles tinham um idioma próprio e formavam, portanto, um grupo à parte na lingüística sul-americana (50).

O problema lingüístico, relacionado com os silvícolas de que agora tratamos, foi, como se viu, resolvido pelo Prof. Louktka e por Pompeu Sobrinho que proclamaram a emancipação definitivamente do grupo.

* * *

Pretendeu Nélson de Sena houvessem tribos tremembés migrado, na ocasião da conquista, para o sul do País, indo estabelecer-se nos vales do alto S. Francisco e do Rio Paraíba, em região onde viveram os **Cataguás**, que, no dizer daquele historiador, seriam seus legítimos descendentes.

A afirmativa formal do erudito mineiro foi, porém, vitoriosamente contraditada por Afonso A. de Freitas ("Distribuição geográfica das tribos indígenas". Tese apresentada ao 1º. Congresso de História Nacional. Rio, 1915, pág, 508) que a taxa de absurda e desarrazoada.

Difícil é, com efeito, admitir, lembra o mencionado escritor, que dizimados e enfraquecidos pudessem as hordas tremembés fazer incólumes tão longa caminhada através dos domínios dos **Aimorés** ou pelo território das numerosas nações que demoravam no litoral desde a Paraíba até o Rio de Janeiro.

De mais a mais, acrescentamos nós, já Gabriel Soares enumera os **Cataguás** entre as tribos tapuias de que dá conta, vivendo entre o Espírito Santo e Pôrto Seguro, em época, portanto, anterior à colonização do Ceará (50a).

Aliás, Hugo Vasconcelos ("História Antiga de Minas Gerais". Imp. Nacional. Rio, 1948), explicando a origem dos **Cataguás**, que habitavam em Minas Gerais, esposa irrefletidamente a proposição defendia por Nélson de Sena, assim escrevendo:

"Além dêsses índios, reinou no sul de Minas Gerais outra nação organizada, e foi a dos **Cataguás**, que se tornou, da nossa história".

"A respeito dêles conta-se que os **Tremembés**, deslocando-se do Jaguaribe (?) dividiram-se em duas hordas: uma que subiu o São Francisco até as nascentes, outra que desceu o Parnaíba até à foz: encontrando-se ambas já desirmànadas no vale do Rio Grande ou Paraná (mar-parente). Travada aí a luta pela posse do rio, decidiu-se na barra do Sapucaí (rio que grita). Os vencidos, transpondo então a Mantiqueira, foram instalar-se na chã do Paraíba, cêrca de Taubaté, e os vencedores ficaram na terra conquistada; de onde se estenderam até o Rio das Mortes, com o nome enfático de **"catu-auá"**, e os inimigos **"puxi-auá"** (gente ruim). Daí, os **Cataguás.**"

"Quando Félix Jaques, fundando Taubaté, uniu-se aos **Tremembés** e com êstes transpôs a Mantiqueira em guerra aos "catu-aūá", foram êstes repelidos para os sertões do **Pium-i** e do **Tamanduá**, dando tempo a Lourenço Castanho, que de propósito entrou com êles, desbaratou-os no lugar por isso chamado — Conquista, e deixou então livre e desembaraçada a entrada do Rio Grande e dos Campos Gerais (1675).

Os **Cataguás**, bem como os **Aimorés**, debandaram-se em outras tribos, já degeneradas, em conseqüência da guerra".

Tudo isso é, porém, como se vê, assaz inconsistente.

* * *

Como quer que seja, larga era a disseminação das hordas tremembés em chãos brasileiros.

O topônimo tremembé, assinalando um acidente geográfico próximo à cidade de S. Paulo, é decerto, a marca de seus extensos domínios brasileiros em época pré-cabralina.

* * *

Êsses ameríncolas seriam, segundo o autor da "Pré-História Cearense" (pág. 120) derivados da terceira corrente de povoadores americanos e atingiram o território cearense no decorrer do período que vai do 4°. ao 3°. milênio A. C..

Mesolítico de origem siberiana e aparência mongolóide, a êsse tempo, teriam dado a volta ao litoral americano do Pacífico e do Atlântico Sul. Ao longo das costas sul-americanas do Atlântico, encontram-se, com efeito, diz êle, vestígios de que um povo, diferente dos **Láguidos** e dos **Brasílidos**, que aí vivera e ocupara durante um tempo apreciável certos rincões, apropriados ao seu sistema de vida, com uma cultura especialmente orientada no sentido do mar, da pesca e da caça marinha. Tais vestígios se patenteiam com o achado de certos sambaquis, ou ostreiros, e uma expressiva toponímia vetusta, em geral desaparecida, mas conservada em alguns documentos antigos. Eram os invasores, que aqui chegaram, já muito cruzados com **Láguidos** e com a sua cultura primitiva modificada, mas ainda reconhecível através de sua orientação particularmente marinha. As alterações culturais, ditadas pelas condições climáticas intertropicais das costas, nem sempre dissiparam por completo as tendências ancestrais. Em vez de focas ou lobos marinhos, capturavam tubarões, e o faziam com extrema habilidade e ousadia. As suas choupanas experimentaram notáveis simplificações, ora reduzindo-se a meros abrigos contra a soalheira e as chuvas, ora limitando-se a fossos abertos nas areias da praia.

No Nordeste do Brasil, êstes mesolíticos apresentavam sensíveis alterações tipológicas, o que induzia à hipótese do surgimento de um nôvo tipo étnico, o **Nordéstido**. No Ceará e Estados vizinhos, a família característica dêste nôvo tipo trazia, conclui Pompeu, a denominação de **Taramembé** ou **Tremembé.**

* * *

Pensam alguns estudiosos, baseados na identidade de certos costumes, que os **Muras** bem poderiam ser parentes ou afins dos **Tremembés.**

Um dos elementos culturais de maior importância para a descoberta de grupos culturalmente aparentados dos **Tremembés** parece-nos ser os machados semilunares ou novilu-

niformes. Eram usados por êsses aborígines e a êles se refere o Padre Ivo d'Evreux, nos têrmos seguintes:

"Carnatapuran, pegando um dêsses machados em forma de crescente, ensinou-me o que não sabia, dizendo-me terem os **Tremembés** o costume mensal de velar tôda a noite fazendo seus machados até ficarem perfeitos, em virtude de superstição, que nutriam, de que indo para a guerra armados com tais instrumentos nunca seriam vencidos e sim vencedores."

O emprêgo dêsses singularíssimos artefatos de pedra, a um tempo arma de combate e adôrno honorífico, era muitíssimo difundido em tôda a América, conforme mostram os estudos de Ladislau Neto ("Investigações sôbre a Arqueologia Brasileira", Arquivos do Museu Nacional, Vol. VI, Rio, 1885. págs. 489 a 490) e de Carlos F. Hartt (Descrição dos objetos de pedra de origem indígena conservados no Museu Nacional" Arquivos do Museu Nacional, Vol. I, Rio, 1876, pág. 45).

No Museu Nacional do Rio de Janeiro se conserva, com efeito, uma belíssima coleção de machados em forma de crescente provindos de pontos os mais diversos do Brasil, como sejam Amazonas, Minas Gerais, Piauí, Paraná e Santa Catarina.

Outros exemplares do mesmo tipo têm sido achados no Espírito Santo (Hartt), em S. Paulo (Ihering) no Rio Grande do Sul (Schupp, Ihering e Paldaof), na Bahia (B. de Sousa) e em Pernambuco (Studart Filho).

Não é só no Brasil que existem êsses interessantes e singulares artefatos de pedra. No Equador, Andes argentinos e Peru descobriram-se também espécimes de notável perfeição no acabamento e, em Viena, se guarda, dizem, um machado semilunar que pertenceu a Montecuzamo (Carlos Studart Filho. "Antiguidades indígenas do Ceará" Revista do Inst. do Ceará. Tomo XLI Ano XLI. Fortaleza, 1927, págs. 194-197).

Faz alguns anos, Stig Ryden ("Brasilian anchor asces" Etnological Studies" nº., Gotemburgo, 1936) reviu o assunto, confirmando ser larga a área de difusão do tipo de machado que nos interessa. Pôs, outrossim, em relêvo, o fato de ela abranger não só os antigos domínios tribais dos Jés, mas igualmente a barra de alguns afluentes do médio Rio Amazonas e vários países americanos.

Há que notar, também, a interessante semelhança que existe entre a forma dos machados semilunares de pedra e a dos de cobre e bronze usados por alguns povos no Nôvo Mundo, já em estádio adiantado de civilização.

GRUPO TARAIRIÚ

O grupo **Tarairiú** estendia os seus domínios sôbre a larga área territorial que, partindo das proximidades das praias norte-rio-grandense, subjugadas por tribos tupis, alcançavam os sertões do Ceará e Piauí. No interior das duas capitanias, as suas glebas perdiam-se, porém, entre chãos senhoreados por hordas **Jés** e **Cariris** e, porventura, também por **Tremembés,** formando, aqui, ali, verdadeiras manchas demográficas.

Ocupando superfície tão ampla e sendo infensos aos luso-brasileiros, é natural que algumas de suas cabildes buscassem contato com os batavos logo que êstes, vencidos as primeiras resistências dos opósitos, intentaram ampliar as conquistas realizadas em solo brasileiro. Aliadas aos invasores, ajudaram-nos com eficiência e firmeza na realização dos desígnios expansionistas que traziam quando aqui aportaram.

Apesar de sua longa e assídua privança com os neerlandeses, dêstes não ficaram os nativos bastantemente conhecidos. Daí se mostrarem, os numerosos relatos sôbre os **Tarairiús,** deixados pelos cronistas, sábios e viajantes, que no Nordeste estiveram a serviço da Companhia das Índias Ocidentais, inconsistentes, contraditórios e até fantasistas. Não obstante as suas numerosas deficiências, são êsses escritos as mais antigas e melhores fontes informativas que possuímos no tocante aos **Tarairiús.**

Também o português Pedro Carrilho de Andrade ("Memória sôbre os índios do Brasil" — Revista do Inst. Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte — Vol. VII — Natal, 1909), legou-nos dados numerosos e interessantes a respeito dêsses silvícolas. Seus informes, à maneira dos holandeses, são, porém, de utilização bastante árdua.

Ignorando, sem dúvida, pertencerem as tribos não tupis, com que conviveram ou de que apenas tiveram informações, pelo menos a três famílias linguocultural distintas — **Jé, Cariri** e **Tarairiú** — o português, com os holandeses, descreveram os seus usos e costumes conglobadamente e os referiram a um conjunto etnolingüístico supositício, que aquêle denominou **Tapuia** e êstes, de um modo geral, **Cariri.** Separar os caracteres culturais baralhados e atribuí-los ao grupo gentílico a que melhor possa convir, tem sido a difícil tarefa dos estudiosos modernos.

O primeiro, talvez, a empreendê-la foi Tomás Pompeu Sobrinho que, já em 1935, nos dava um bem documentado trabalho sôbre os **Tarairiús.**

* * *

O Prof. Estêvão Pinto, que também levou a cabo a árdua emprêsa, dêles apresentou um retrato etnográfico que, embora se nos afigurando algo compósito, iremos aproveitar aqui para individualizar o grupo.

Assim, escreve o etnólogo pernambucano:

"Os **Tarairiús** eram grande andarilhos, mas evitavam viajar à noite com receio das cobras. Informa Herckman que êsses tapuias passavam o tempo ao léu, não possuindo aldeias ou lugares certos onde pudessem morar. Suas "casas" eram antes simples abrigos contra o sol e a chuva. Em suma, viviam mais da caça, da pesca e da colheita, procurando as praias na época do caju.

Essas informações do conhecido cronista neerlandês devem ser tomadas com a devida reserva, pois se sabe que, nos territórios habitados pelos **Janduins, Paiacus, Canindés, Janipapos** e outros, foram encontrados "excelentes vasos" de pedra polida e duríssima, o diorito, relativamente pesados e de confecção demorada. Além disso, os **Tarairiús** usavam a rêde, que armavam ao pé da fogueira e na qual carregavam os anciãos já decrépitos (a longevidade dos **Tarairiús** é registrada pelos antigos cronistas, chegando Herckman a informar, com evidente exagêro, que alguns dêles atingiam 150, 160 e até 200 anos). Como se vê, tanto a olaria como o uso da rêde (elementos, talvez, de origem alienígena), estão indicando que o nomadismo dos **Tarairiús** era "local", a exemplo do erratismo dos **Jés.**

A impressão do nomadismo dos tapuias, deixada entre os holandeses, explica-se pelo fato de viverem os **Tarairiús,** por êsse tempo, em plena guerra, não lhes sendo possível, conforme observa Pompeu Sobrinho, que conduzissem consigo potes, pilões e outros utensílios de transporte penoso. Por outro lado, vivia êste grupo indígena em terras sujeitas, em geral, a sêcas, sendo necessário, às vêzes, viajar dois ou três dias à procura de água. As condições ingratas da região forçavam, conseqüentemente, às migrações, que determinavam, em alguns casos, a separação do grupo.

Marcgrave, em página de flagrante sabor, conta que, quando os rios transbordavam, nas invernadas de março ou

abril, os índios colhiam tanta quantidade de peixe que era difícil levá-los todos para o acampamento; passada, porém, a época dos temporais, era a vez das atividades agrícolas, plantando os **Tarairiús** milho, abóbora e legumes vários, depois dos exorcismos usados para fecundar as sementes (os pajés percorriam os campos e envolviam os grãos com o fumo do tabaco). Nos alimentos não punham, êsses tapuias, temperos ou condimentos de espécie alguma.

Uma sorte de pão era preparada com o tubérculo, a que Barléus dá o nome de **Attuh**, ralado, do qual se extraía o suco em vasos de barro. Conheciam certa "raizinha", a qual, mastigada pelas mulheres, servia para o fabrico da bebida embriagadora chamada **cauwau.**

Nieuhof faz referência ao fôrno subterrâneo, quando conta que tais selvagens, ao matar um touro, assaram a carne "enterrada".

Apreciavam a carne de cobra e, sobretudo, o mel, "espêsso e branco", alimento que servia até para comprar o dote, oferecido pelos pretendentes aos pais da noiva. O paraíso, por exemplo, era um lugar delicioso, onde não faltava o mel; o mel e também o peixe. A idéia de um éden cheio de peixe sugere que êles eram ictiófagos, tanto assim que Herckman, cometendo outro exagêro, diz que as crianças, com nove ou dez meses de nascidas, já iniciavam o aprendizado da natação. Antes de qualquer jornada mais ou menos longa, os índios lançavam-se ao rio, esfregando o corpo, nos intervalos do banho, em plena areia; após a ablução, estendiam os membros, estalando as articulações, depois do que aconchegados ao pé do fogo, escarificavam a pele com dentes de peixe.

A epilação era comum, trazendo os principais as unhas compridas, exceto a do polegar; o cacique usava a tonsura em forma de prato e unhas longas em ambos os polegares. O comum parece que era trazer o cabelo sôlto, "pendente sôbre o pescoço", mas cortado adiante, até as orelhas, dando a impressão que se tinha pôsto um boné à cabeça.

Puxava-se a pele dos testículos, prendendo-se o membro viril com um atilho, feito com cascas de árvore; as mulheres usavam cabelos soltos, "cobrindo todavia as suas vergonhas adiante e atrás com fôlhas verdes", atadas por cordéis em tôrno dos quadris, — "aventais formosos", que, na frase de Zacarias Wagner, Eva rejeitara, mas as índias haviam readotado.

Os ritos de passagem, entre os meninos, praticam-se na idade dos sete ou oito anos. Reunidos os amigos, o mais velho dêles suspendia o neófito para que os demais lhe perfurassem o lábio inferior e o lóbulo das orelhas; nos orifícios, assim feitos, introduziam-se pedras verdes ou de outras côres. Markgraf acrescenta que os encarregados da operação eram os pajés, isto é, os "adivinhos" e "encantadores de demônios". Seguiam-se depois as festas, "com os gritos e lamentações do custume".

Havia também ritos matrimoniais, que consistiam em provar o pretendente algum feito de armas ou ter bastante fôrça para carregar um pesado madeiro. Os mais destros e rápidos no transporte do toro tinham-se como valentes. Afora êsse exercício, os mancebos, untando a cabeça de mel, que aspergiam de "pó vermelho", ou adornando o corpo de penas, exercitavam-se em vários jogos bélicos. Assim preparados, abriam-lhes buracos nas faces, nos quais eram introduzidos "pauzinhos ou ossinhos brancos", de três ou quatro polegadas de comprimento, semelhante a "pedaços de cachimbos que se quebrasse". Depois do que, seguiam-se os esponsais. As festas do casamento duravam em geral quatro ou cinco dias, sendo a noiva levada à presença do noivo, à tarde, em companhia dos dançarinos e cantadores, todos cobertos de plumas e pintados do urucu ou jenipapo. "E se alguma coisa falta ainda a êsses ornatos, acrescentam mais os corais e os guisos."

Roulox Baro descreve o casamento em massa dos jovens nubentes de uma aldeia do "rei" Janduí, os quais se apresentavam untados, por meio de goma, com fôlhas de côres diversas. A propósito das cerimônias nupciais informa Jacob Rabbi que, quando alguma jovem atingia a puberdade, era conduzida à presença do "rei", que a soprava com fumo de tabaco, deflorando-a em seguida e lambendo-a, se houvesse o sangue.

Uma característica dos **Tarairiús** era a prancheta de lançar ou jogar, à qual Zacarias Wagner deu o nome de "manjedoura". A seta saía por um sulco, ou rêgo, aberto na arma. A azagaia era atirada com tal fôrça e velocidade que poderia, não encontrando osso, atravessar o corpo de um homem desprotegido. O autor dos Diálogos, referindo-se a essa arma de arremêsso, assegura que os índios encaixavam as flechas em uns "canudos" trazidos nos dedos, fazendo, com o propulsor, tiros de uma precisão de causar espanto. Também os **Cariris**, como já se viu, usavam a prancheta de jogar.

Permitia-se a poligamia, sendo o adultério castigado; mas parece que a mulher gozava **status** social elevado, pois tinha direito a tomar parte nas festas e ritos matrimoniais.

O endocanibalismo figura entre os elementos culturais peculiares aos **Tarairiús**, quando a mulher está para dar à luz, procura o mato e, assim que pare, corta, com uma concha, o cordão umbilical, que depois, cozinha e come juntamente com a placenta. Também se devora o corpo da criança nascida morta. Herckman vai além, afirmando que o endocanibalismo incluía os próprios adultos, pois o guisado (diziam os índios) não poderia ser melhor guardado do que no corpo dos companheiros. Antes dêsse ritual, o cadáver era lavado, assando o corpo em uma fogueira prèviamente armada. Algumas vêzes, guardavam-se os ossos para outras ocasiões, depois de reduzidos a pó e misturados à farinha ou dissolvidos em água. Os tuxauas, ou principais, eram, todavia, devorados apenas por suas mulheres ou por outros chefes. O luto perdurava até que fôssem ingeridos os ossos pulverizados.

Os pajés exerciam muita influência na comunidade, pois, prediziam os acontecimentos, consultando os espíritos ou "demônios", entre os quais figurava o bugrezinho de fala fina e de uma só perna. A fim de tirar vaticínios, êsses "sacerdotes" procuravam o recesso das matas, de onde, depois, volviam, chamando em altas vozes: "Ga, Ga, Ga", ou "Anes, Anes, Anes, Iedas, Iedas, Iedas, Hade Gongdeg". O "rei" possuía uma "abóbora" mágica (cabeça no nosso entender), guardada cuidadosamente em sua tenda e da qual ninguém podia aproximar-se, a não ser quando pretendia incensá-la com fumo de tabaco. Nas planícies, os **Tarairiús** sacrificavam às pedras e penedos que topavam no caminho, para não serem, segundo acreditavam, "por êles mordidos".

Os cronistas holandeses registaram, entre êsses gentios, a saudação lacrimosa e o culto do nascimento, das Plêiades ou do Sete-estrêlo (E. Pinto).

* * *

Segundo Pompeu Sobrinho os **Tarairiús** eram **Láguidos** e, como tal, descendentes mais ou menos diretos das primeiras hordas invasoras que, vindos da Sibéria em época muito remota — 26 a 24 milênios A. C. — passaram pelo Alasca à América.

Impelidos para o Sul, transpuseram o istmo do Paraná, difundiram-se largamente e acabaram ocupando a maior

parte desta metade do Nôvo Mundo. A sucessão do fenômeno teria levado pioneiros às mais recônditas regiões habitáveis por uma gente primitiva, de cultura muito rudimentar.

Os representantes mais lídimos dêsse povo foram ocupar o extremo-sul do Continente e o planalto central do Brasil, derramando-se pela sua encosta oriental, inclusivo no Estado de Minas Gerais. Desta região passaram paulatinamente para o Nordeste brasileiro, já, então, semi-árido e coberto de caatingas. Embora não seja possível precisar o necessário rigor, é de crer que chegaram a estas paragens bem antes que representantes de outras correntes migratórias tenham atingido as raias brasileiras.

. . . . . .

Possìvelmente os **Láguidos**, que os colonizadores europeus encontraram no Nordeste, eram descendentes diretos daqueles pioneiros, sem dúvida cruzados com outros povos pré-colombianos. O fato de se haver achado no Ceará numerosas tribos, decerto, de origem evidentemente australóide, em estágios culturais heterogêneos, afasta qualquer dúvida com relação a existência arcaica de descendentes das duas primeiras correntes de invasores pré-históricos do Nôvo Mundo. Os esqueletos da gruta da Canastra, revelam traços inequívocos de uma herança australóide.

Êstes **Láguidos**, seguramente, entraram no território do Ceará através do Piauí e Pernambuco. Teriam então ocupado o âmbito, constituindo uma população disseminada, rarefeita, deixando manchas desertas mais ou menos amplas. As condições climo-edáficas da terra nem sempre ofereciam meios para que estas regiões fôssem habitadas ou exploradas por um povo simplesmente coletor, de especial dado à caça.

Um grupo considerável de **Láguidos** estacionou primitivamente entre o maciço da Borborema e as serras que dividem as águas do Parnaíba, a oeste, das do S. Francisco, Rio Açu e Jaguaribe, a leste. Depois de um longo tempo, experimentou modificações étnico-lingüísticas, dando lugar à formação de uma família bem caracterizada, a família linguocultural **Tarairiús**, nome de uma das mais importantes tribos desta gente. Êstes curiosos **Láguidos**, posteriormente se disseminaram por todo o Nordeste, ocupando a imensa área compreendida entre aquêle divisor de águas, o Rio S. Francisco e o Oceano, isto é, os territórios dos Estados do Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas. Há indícios de que hordas desta família viveram também no Piauí,

sobretudo ao norte do Rio Poti, e ao sul do leito do Rio do Salitre. A considerável área de dispersão da família é, aproximadamente, determinada pelas relíquias toponímicas, oriundas de expressão tarairiú que resistiram à invasão tupi. P. C. págs 119 e 120).

* * *

À família tarairiú ligam-se, de acôrdo com Louktka e Rivet, os:

1) **Canindés** — das nascentes do Rio Choró (51).

2) **Paiacus, Baiacus**, ou ainda **Pacajus** — que se moviam entre os rios Apodi e Jaguaribe.

3) **Panatis** — habitantes, segundo êle, das cercanias de Vila Flor. Na realidade viviam também no Ceará, onde eram encontrados em sua região leste.

Estudos já antigos mostram serem ainda **Tarairiús** e, como tal, vão aqui incluídos os **Jenipapos**, das cabeceiras do Curu e ribas do Quixeramobim e Banabuiú.

A ela se filiariam igualmente:

1) **Aperiús** — da Ribeira do Acaraú.

2) **Arariús, Irariús, Arearus, Irarijus, Areurus** ou ainda **Reriús** — que habitavam serras cearenses distantes oito léguas da Ibiapaba, para o nascente e ainda na bacia do Acaraú.

3) **Camaçus** (P)

4) **Janduins, Nhanduís**, ou **Txocaianas** — sem dúvida os mais célebres silvícolas nordestinos do grupo Tarairiú, pela ferócia e belicosidade.

Seu nome aparecerá freqüentemente citado pelos cronistas batavos e portuguêses. Eram terríveis combatentes e inimigos ferrenhos dos nossos colonizadores a quem causaram sérias atribulações e infrigiram graves derrotas militares no correr do século XVII.

Ocupavam os sertões norte-rio-grandenses e paraibanos e talvez muitos trechos da parte central de Pernambuco.

Apesar de não viverem pròpriamente no Ceará, incursionavam amiúde pelas terras do baixo Jaguaribe.

5) **Javós**
6) **Jenipaboacus** ou **Jenipapoacus**
7) **Quitariús**
8) **Quixelôs**
9) **Quixerariús** (P)
10) **Tocariús** ou **Tucurijus.**

GRUPO JÉ

Os **Zé, Jé** ou, ainda **Jê**, aparecem como uma família lingüística autônoma já no esquema de von Martius e, dêsse modo, se conservou através das classificações posteriores de von den Steinen, Ehrenreich e outros (52).

Estava ela, porém, conforme o demonstram Rivet e Louktka, constituída de maneira muito artificial e teve, por isso, de ser revista pelo segundo dêstes especialistas.

Suprimiram-se, assim, do conjunto heterogêneo muitas tribos, como a dos **Gamelas, Caigangues, Fulniôs, Camacans,** etc..., que passaram a constituir famílias linguoculturais distintas.

As tribos restantes ficaram, desde então, divididas em 4 grupos segundo a área geográfica que ocupavam no País. O grupo dos **Jés** setentrionais, único que diretamente nos interessa porque a êle estão ligados algumas das tribos nordestinas, ocupava, em sua quase totalidade, as florestas virgens situadas ao norte do planalto brasileiro.

O foco de irradiação dos **Jés** parece ter sido, no conceito dos mesmos Rivet e Louktka, a vasta região entre os Rios S. Francisco, a este; Tocantins, a oeste; Mearim, ao norte, e Paraíba, ao sul, ou seja quase tôda a metade oriental do planalto brasileiro (53).

Para muitos etnólogos, os **Jés** constituem o extrato racial mais antigo do Continente Sul-Americano. A êles atribui Ehrenreich os crânios descobertos por Lund nas cavernas da Lagoa Santa, em Minas Gerais.

Pertenciam, segundo Pompeu, ao tipo étnico **Láguida**, e, assim, devem ser considerados afins dos **Tarairiús.** À maneira dêstes, seriam australóides primitivos, já ajustados ao meio americano e seguramente miscigenados em alta escala. Descendiam, também, como êles, das primeiras vagas invasoras que chegaram ao Nôvo Mundo.

É, no modo de entender do pesquisador em que nos louvamos ("Pré-História Cearense", pág. 59), a maior em número e extensão territorial e também a mais característica das famílias do grupo **Láguido.** Nenhuma outra tem resistido melhor à ação destruidora da conquista dos europeus e seus descendentes. Talvez porque não se afastou muito da área de formação dos **Láguidos,** conserva muitos dos caracteres primitivos dêstes; escassos contactos com povos alófilos explicam em parte êsse primitivismo. A uniformidade antro-

pológica, somática, cultural em mesmo lingüística é notável; quase não é possível distinguir dialetos ou fazer divisões que não sejam de ordem puramente geográfica. Quanto ao aspecto somático, só dados referentes ao índice **mehim** podem ser indicados por extensão para tôdas as famílias, por isso que êste grupo representa um tipo médio:

Estatura média no homem	159,0
Estatura média na mulher	152,0
fndice cefálico horizontal médio no homem	79,0
fndice cefálico horizontal médio na mulher	78,8
fndice facial, médio	81,0
fndice nasal, médio	49,0

Conseqüentemente, os **Mehims** são mesocéfalos, euriprosopos, mesorrinos, de estatura mediana e boa compleição, devendo os **Jés**, em geral, afastarem-se pouco das médias referidas. O fato de alguns indivíduos **Caiapós** serem acentuadamente braquicéfalos, induz à suposição de que o índice cefálico horizontal dos **Jés** fique um pouco acima de 80,00.

Relativamente ao seu estado cultural médio, a família distingue-se pela ausência de cerâmica, tecelagem e de rêde de dormir; a construção de casas em círculo, uma complexa estrutura social e notável resistência à dissolução resultante do contacto com a civilização ocidental.

A área de dispersão da família ainda é considerável; certamente fôra bem maior, como se depreende das tribos remanecentes e do relato dos viajantes que perlustraram o interior do Brasil ao tempo do Império".

Entre nós eram seguramente **Jés** apenas os **Aruás** que, na abalizada opinião de Rivet e Louktka, habitavam entre o Rio Itaim e o Jaguaribe.

Aos **Jés** primitivos filia Pompeu, como vimos, os **Canastrenses**, que teriam constituído o grupo pioneiro dos nossos sertões (54).

Aliás, êsse autor assim resume ("Pré-História Cearense", pág. 123), a ocupação da nossa terra pelo elemento aborígine em geral: — "Até que novas investigações revelem dados mais positivos sôbre esta matéria, podemos admitir que o povoamento pré-colombiano no território cearense foi primeiramente efetuado por um povo australóide de estatura elevada ou média, dólico ou mesocéfalo, de cultura muito rudimentar, seguramente há 7 milênios. Assenhoreou-se da área habitável sem empecilhos de ordem humana estranha até o 4º. milênio.

Então, começou a chegar pela costa o primeiro concorrente que dera o povo conhecido por **Taramembé**. Mais tarde, como uma cunha interposta entre **Tarairiús** e **Jés** primitivos, penetraram **Cariris**, já perfeitamente caracterizados destacados dos **Brasílidos** estabelecidos no curso médio do Rio São Francisco. Nas vésperas dos tempos históricos penetraram novas levas de **Brasílidos**, agora, porém, da família Tupi, que ocupará os melhores tratos da Serra da Ibiapaba ao lado dos velhos **Láguidos**. Finalmente, no albor da nossa história chegaram outros **Tupis** pela costa, completando assim o quadro pré-histórico do povoamento do Ceará".

(CONTINUA)

NOTAS

(1) Studart, Carlos (filho) «Os aborígines do Ceará» (capítulo de um trabalho em elaboração).

(2) «Declaration de Gaspar Paraoupaba de Siara... Notée par le sieur Killian de Rosenlaer. le 20 mars de l' an 1629, à Amsterdam.» R. do Instituto do Ceará, Tomo XXVI. Ano XXVI. Fortaleza, 1912.

(3) A caracterização dos silvícolas cearenses, tal como acabamos de levar a efeito com a ajuda de velhos depoimentos, e a divisão dos mesmos em dois grupos mostram-se, sem dúvida, sumaríssimas. Elas serão, por isso, seguramente havidas pelos antropologistas, ainda os menos exigentes, como primárias, vagas, quiçá até sem consistência alguma.

Impossível fazê-las no momento, mais completas. A isso nos impede não só a carência de dados, a tal respeito, senão também a necessidade de expor o assunto de maneira corredia. Recordemos que aqui estamos apenas a dar em síntese, a impressão experimentada pelos brancos — que primeiro nos visitam — ao entrarem em contato com os filhos da terra. Mais tarde, voltaremos ao assunto para aprofundá-lo. A êste propósito, recordemos, ainda, já agora com Tomás Pompeu Sobrinho, que a somatologia dos grupos ameríndios continua pràticamente desconhecida e, assim, pretender ir muito longe, no campo da antropologia física dos silvícolas cearenses, seria correr o risco de cair no fácil domínio da fantasia.

Em 1942, afirmava o citado especialista, com tons de melancolia: «O nosso interêsse pelos estudos antropológicos das populações ameríncolas sempre foi e continua sendo fraco, resulta disso que o material documentário da somatologia indígena, recolhido aos museus ou ao alcance dos investigadores, é extremamente escasso.»

E prossegue: «O conhecimento da antropologia racial dos índios entre nós está ainda na sua fase embrionária e o da paleontologia humana apenas esboçada, e isto há cêrca de um século, desde o sábio dinamarquês Peter W. Lund.

No Nordeste brasileiro, os cuidados nessa questão empenhados são ainda mais reduzidos; ficavam apenas limitados ao achado de uma calota craniana no Ceará, que levada ao Museu Nacional, mereceu um rápido estudo, há mais de 60 anos publicado.

Ao que sabemos, pois, a nossa antropologia amerindia é apenas pouco mais do que nada.

Seria curioso ressarcir o tempo perdido com uma bem orientada e ativa recrudescência de investigações nesse setor dos problemas nacionais, antes que seja tarde de mais (T. Pompeu Sobrinho «Os crânios da Gruta da Canastra». Revista do Instituto do Ceará, Tomo LVI, Ano 1942, pág. 153).

Parece que os votos de Pompeu Sobrinho foram, de certo modo, ouvidos mas apenas no que diz respeito aos nativos de outras partes do Brasil.

Tanto que, fazendo a resenha, em nota ao pé da página, dos trabalhos sôbre a antropologia física dos aborígines brasileiros, em geral, o Prof. Estêvão Pinto escreve: — «Nos últimos dez anos, foram os seguintes os estudos mais valiosos publicados a respeito dêsse assunto: E. Bioca & F. Ottenscoser, «Estudos etnico-biológicos sôbre os índios da região do Alto Rio Negro», Arq. de Biol. XXVIII, São Paulo, 1944; L. Tomás Reis, Expedição ao Rio Rômulo, etc., pub. n. 90 da ant. Comissão Rondon, 1945; A. A. Mendes Corrêa, «Crânes des Sambaquis du Brésil», L'Antropologie, L. Paris, 1946; Pedro E. de Lima, «Os índios Tenetehara: nota de uma pesquisa de Antropologia Física» «Rev. do Inst. Hist. e Geog. Brasileiro, CXC, Rio, 1946; id., «Impressões digitais dos índios Tenetehara», Bol. do Mus. Nac., n. s., «Antropologia» n. 7. Rio 1947, E. Willems, «Contribuição para o estudo antropométrico dos índios Terecô», Rev. do Mus. Paul. n. s., L., São Paulo, 1947; E. M. da Silva, «Verificações sôbre a incidência do siclema», cit; J. C. M. Carvalho, Pedro E. de Lima & Eduardo Galvão, «Observações geológicas e antropológicas na região dos formadores do Xingu, Rio, 1949; T. D. Stewart & Marshall T. Newman, «Anthropometry of South American Indian Skeletal Remains». Hand. of S. Amer., Ind., VI, Washington, 1950; Morris Steggerda, «Anthropometry of South American Indians» e «The pigmentation and hair of South American Indians», cit; J. Bastos d'Ávila, «Anthropometry of the Indians of Brazil», cit.

Há outrossim que citar o importante ensaio de L. de Castro Faria, «Pesquisas de Antropologia Física no Brasil-História Bibliográfica»», pub. no Bol. do Mus. Nac., n. s., «Antropologia», n. 13, Rio, 1952. etc.

Releva também notar que nunca houve, entre autores antigos, perfeita uniformidade na maneira de definir o hábito externo do aborigine, nem julgar os mais caracteres antropológicos que lhes eram próprios.

Anchieta, Lery, Gandavo, Gabriel Soares e tantos outros escritores que, à maneira dos citados cronistas poderiamos igualmente considerar os clássicos das nossas letras para o assunto em debate, são, quase sempre, personalíssimos no respeitante às apreciações que fazem acêrca do indígena.

Para êles, os amerîncolas, ainda os que mais privaram com os brancos, seriam, conforme observa E. Pinto, ora «vermelhos ou basanés, ora côr muito baça, castanha ou atrigueirados» etc.

Variando, dêsse modo, de cronista para cronista, a descrição do tipo morfológico do indígena brasileiro, em geral, como, pois, formular a respeito dos caracteres físicos do nativo cearense, hoje quase inteiramente desaparecido, conceitos mais precisos e abundantes?

(4) A autoctonia do homem americano continua sendo, ainda nos dias que correm, questão das mais empolgantes e discutidas. Sábios de sucessivas gerações a têm ventilado, tentando, em vão, equacioná-la e corretamente resolvê-la.

Também o problema da transladação de povos do Velho Continente para as terras americanas é apaixonante e controverso. A literatura que versa os dois

assuntos, tornou-se, por isso mesmo, amplissima e variada. O estudo dêles não cabe, porém, no âmbito do presente trabalho. Não o abordaremos, pois.

(5) Recordemos que, em outubro de 1860, estiveram na Uruburetama os Drs. Freire Alemão Cisneiros e Manuel Freire Alemão respectivamente chefe e adjunto da seção botânica. Em novembro do mesmo ano por lá transitou o Dr. Guilherme Shüch Capanema, chefe da Seção Geológica.

Os preciosos apontamentos, fotografias e notas de viagem do Dr. Capanema, como é do conhecimento geral, perderam-se com a sua bagagem no naufrágio do hiate Palpite. (Abreu, Silvio Fróis — «A Comissão científica de 1859» Revista do Instituto do Ceará, Tomo XXXIII. Fortaleza, 1919 — págs. 198 — 207.)

(6) O Prof. Renato Braga, que longa e percucientemente estudou a gênese, vida e realização da Comissão Científica, sôbre ela publicando alentada e erudita monografia histórica, não crê houvesse sido a calota da Uruburetama achada por qualquer dos membros daquela comissão. Acredita, antes, que a descoberta tenha sido obra casual de ignorado morador da serra, que a cedeu a um dos integrantes do douto grupo e êste, por sua vez, a trouxe para Fortaleza.

(7) Lacerda Filho e Rodrigues Peixoto — «Contribuição para o estudo antropológico das raças indigenas do Brasil» Arquivos do Museu Nacional Vol. 1º — Rio — 1875.

(8) As sepulturas dos índios norte-americanos da tribo dos Paricus, jaziam, diz-no Rivet, em grotas ou abrigos e os ossos estavam pintados de vermelho. Os exemplares recolhidos por êsses dois americanistas encontram-se hoje, em sua quase totalidade, em Paris, onde uma parte está no Museu do Homem e a outra na Sociedade de Antropologia.

(9) Ver T. Pompeu Sobrinho, «Os tapuias do Nordeste e a monografia de Herckman» — Rev. do Inst. do Ceará. Tomo XLVIII Ano 1934, pág. 16.

(10) A propósito da grande densidade populacional do Ceará nos tempos da Colônia, comenta Pompeu Sobrinho — op. cit. pág. 110): «Por nossa parte conseguimos colecionar o nome de 75 tribos diferentes de tapuias a maioria das quais da nação CARIRI. Calculando que cada tribo contasse em média, apenas quatro aldeias ou malocas, o número de índios não podia ser inferior a 150.000. Ora a relação que compusemos é evidentemente incompleta».

(11) T. Pompeu Sobrinho, «Povoamento do Nordeste Brasileiro» Rev. do Instituto do Ceará. Tomo LI Ano 1937.

(12) Não eram êstes, porém, como se pretende, mais hostis ao conquistador, nem se faziam notados pela sua maior fereza de ânimo. Apenas apresentavam civilização material diferente senão inferior à dos tupis.

(13) Empregou o têrmo, grafando-o **Tapuza**, o Pe. Aspicueta Navarro; **Tapuya** escreveu Luís Figueira, enquanto Fernão Cardim e outros preferiram Tapuya ou Tapuia conforme a grafia hoje corrente. Frei Vicente do Salvador usou a forma **Taphuia**.

(14) Gen. Couto de Magalhães «O selvagem» 4ª edição Brasiliana. Vol. 52, pág. 111.

(15) Não esquecer que Lineu e Morton incluíram todos os indígenas americanos numa única raça, o mesmo fazendo Herdlicka e sua escola.

(16) Ehrenreich, autor que prefere o critério lingüístico por julgá-lo mais bem seguro e produtivo, só admite tal norma no caso de coincidirem os tipos antropológicos determinados com os grupos lingüísticos conexos e também afins de sangue. O critério lingüístico, já empregado por Martius e Van den Steinen como base para sua classificação foi, no dizer de R. Garcia, seguida também por Lucien Adam, Brinton, Raul de la Grasserie, Kock Grúnberg, Beuchat, Rivet, Créqui Montfort, Schüller, etc.

Contrariando, de certo modo, êsse ponto de vista, escrevem Maks Portugal e D. E. Ibara Grasso (Antropologia física de los indios bolivianos», Rev. Khana pág. 18 Ano IV. Vol. III La Paz, out. 1956).

El hombre, o los hombres, debem ser tratados y descritos como si fuese una especie de la História Natural, no em base a los caracteres de su cultura y lenguas. De una descripción hecha asi, sôbre sus caracteres físicos, es de donde salen las classificaciones pròpriamente de las raças humanas».

(17) «Carlos Frederico Filipe von Martius foi um notável naturalista bávaro. Veio ao Brasil em 1817, na comitiva da Imperatriz Leopoldina, arquiduquesa da Áustria. Fêz uma longa peregrinação pelas provincias de S. Paulo, Rio, Minas Gerais. Bahia, Pernambuco, Piauí, Maranhão, e daí seguiu para a Amazônia (1817-1820). Esta viagem, levada a efeito em companhia de João Batista Spix, zoologista, permitiu a colheita de tal acervo científico, que criou uma glória imperecível, para ambos.

Martius é o etnógrafo de valor e inigualável autor da **Flora Brasiliensis**. Spix é o zoologista operoso que a morte prematura não permitiu brilhar tanto quanto o companheiro, no cenário das Ciências Naturais» (S. Fróis Abreu) As suas «Beitrage zur Ethnographie und Sprachenkund Amerika's Zumal Brasiliens» (Lipsia, 1867) constituem, observa R. Garcia, os primeiros lineamentos para a organização da etnografia brasileira.

(18) A classificação de von Eickstedt teve, dizem Maks Portugal e Ibarra Grasso, muita difusão nos meios científicos sul-americanos, não, porém, em sua forma original, mas através de adaptação que dela fêz o doutor Imbelloni, em 1947.

(19) «As famílias lingüísticas Aruaque, Caribe e Tupiguarani, além de grupos como o Pano, Tucano, Jivaro e outros menores, igualmente procedem desta terceira corrente de povoamento pré-histórico.»

(20) Na Revista publicou Pompeu Sobrinho, Tomás, visando ao estudo do indígena, os seguintes trabalhos:
«As origens dos índios Cariris» Tomo LXIV, 1950, pág. 314.
«Os Tremembés» Tomo LXV, 1951, pág. 257.
«Os índios fulnioes» Tomo XLIX, 1935, pág. 31.
«Lendas Mehin» Tomo XLIX, 1935, pág. 189.
«Sistema de parentesco dos índios cariris» Tomo LI. pág. 309.
«Tapuias do Nordeste» Tomo LIII, 1939, pág. 221.
«Tapuias do Nordeste e a monografia de Elias Herckman» Tomo XLVIII, 1934, pág. 7.
«Topônimos indígenas» Tomo LIX, 1945, pág. 156.
«Contribuição para o estudo das afinidades dos Cariris» Tomo XLII, 1928, pág. 3.
«Etimologia de algumas palavras indígenas» Tomo XXXIII, 1919, pág. 1999.
«Índios Merrime» Tomo XLV, 1931, pág. 45.
««Significação de algumas palavras indígenas» Tomo XLVII, 1933, pág. 179.
«Vocabulário dos índios Jamundá» Tomo L, 1936, pág. 69.

(21) Em 1952, constituiu-se, graças aos estudos de Rivet e Louktka, mais uma família lingüística, autônoma, a dos Socós, que seria falada pelos indígenas do mesmo nome.

(22) Não precisa qual dos Monte-Mores.

(23) Pompeu, aventando a hipótese um tanto vaga de que algumas dessas tribos — **Wanacé** ou **Anacé, Jaguaribara** e **Apujaré** — seriam láguidas, pensa que se deve admitir (pág. 121), provisòriamente, hajam chegado ao Ceará, logo depois dos Tarairiús, vindos através da serra da Ibiapaba, de região maranhense.

(24) Pompeu Sobrinho, contrariando a Louktka, inclui os Jucás entre **Tarairiú**.

(25) Citados por Nimuendaju e aceitos por Louktka, e Rivet como sendo **Cariris**.

(26) Devemos considerar ainda as tribos indígenas cuja existência, apesar de proclamada por autores de responsabilidade, julgamos duvidosa. Nada encontramos, com efeito, em documentos, relativos ao Ceará, que provasse a sua realidade no território desta antiga capitania. São elas: Xoró, citados por Nélson de Sena, Cabinda, Jurema, Jururu e Akirá citados pelo Barão de Studart, em sua «Geografia do Ceará», Guaió, Jaburu, Palié, Mandavá, Naporá, Aquigiró, Campéo, mencionados por Théberge. Segundo êste autor, o primeiro dos grupos apontados empregava flechas ervadas e o último cortava a cabeça de seus inimigos e a conduzia consigo como um sangrento troféu. Semelhavam, pois, sob êste ponto de vista, a tantos outros povos primitivos da América, Ásia, África e Oceânia que, por terem tais hábitos, são chamados caçadores de cabeças.

Paulino Nogueira no «Vocabulário indígena» alude também aos Aquirás, ou Akirás. Diz êle: «Folheando-se os antigos registos da Câmara Municipal do Aquirás, nêles encontramos repetidas vêzes Akirás e Akirazes, gentios da terra.»

Citam-se ainda os Panaticurema. Ver a êste propósito o trabalho sôbre tribos indígenas do Ceará que inserimos na «Revista do Instituto do Ceará».

(27) Julgamos, todavia, interessante lembrar, com Estêvão Pinto, que «os elementos culturais de distribuição setentrional e oriental, característicos dos **Tupinambás**, eram a maloca, a rêde, o escabelo, a mandioca amarga, o mosaico de palha, a flecha de várias pontas, a cerâmica com verniz e impressões digitais, a tipóia de carregar crianças, o «bastão de ritmo», a urupema, a raspadeira, o tipiti à feição de manga, o pilão de madeira, o **boucan** ou **moquém**, os mantos de plumas, as penas coladas ao corpo, a tinguijada, o abano de **tatapecuá**.....

Entre os elementos culturais de distribuição noroeste figura apenas a paliçada e o escudo.

No conjunto dos elementos culturais de vasta distribuição e origem mal determinada, figuram a pescaria de barragem, a canoa talhada ou cavada num tronco de árvore, a jangada, a tonsura, o botoque, ou tembetá, o fuso do tipo bacairi, os crânios — troféus, o maracá, o diadema de plumas, a cultura do algodão, o chuço de pau para cavar a terra, a macana e o arpão.

Eram características dos Tupinambás a **acangatara** ou **acanitara** (a **Kanittara** de Hans Staden) e as rodelas de pena de ema (a **araroye**, de Lery) a covada, a saudação lacrimosa e a antropofagia ritual faziam parte, ainda, do acervo cultural dessa vasta família túpica (Estêvão Pinto «Etnografia Brasileira»).

(28) Pitiguar, escrevem Frei Manuel Calado in «Valeroso Lucideno», pág. 109. Ed. São Paulo, e Fernão Cardim, na edição inglêsa do seu «Tratado da Terra e Gentes do Brasil».

(29) Rivet e Louktka separam os tupis da costa brasileira apenas em dois grandes grupos: **Tapes** e **Tupinambás**, êstes abrangendo as tribos cujos domínios iam de Sta. Catarina às terras amazônicas. Nossos especialistas consideram, ainda, um terceiro grupo de não menor importância, qual seja, o dos **Tupiniquins**.

(30) Ver Tavares de Lira, «Dicionário Histórico e Geográfico Brasileiro» Ed. do Centenário, Rio, 1922.

(31) Parte da escolta de Pêro Coelho era constituída de Potiguares vindos com êle da Paraíba.

(32) Sôbre os caminhos percorridos pelos remotos ancestrais dos **Tupis** até chegarem à América do Norte e, daí, ao Brasil e ao Nordeste, veja-se o que adiante vai escrito a respeito dos Cariris.

(33) Rivet e Louktka recusam-se a incluir os **Tobajaras** no grupo tupi, alegando carência de dados lingüísticos capazes de autorizar tal inclusão, assim dizem: «Les langues parlées par ces grupes indiens (os autores referem-se aos Tobajaras e a várias outras tribos) étant inconnués, nous preferons mentioner ici, sans anteciper, sur le classification (op. cit.).

(33a) Alguns autores, não chegando a uma explicação satisfatória para o problema duplicidade de grafia da palavra, pretendem servirem as duas formas a designar tribos distintas, porventura até rivais irreconciliáveis.

Nélson de Sena, assim pensando, adverte, em seu trabalho sôbre indígenas brasileiros, que se não deve cometer o êrro de confundir **Tobajaras** — nome que traduz por «cunhados», quase irmãos dos **Tupis** ou **Tupis** quase parentes — com **Tabajaras** ou «senhores da aldeia». Êstes «povos tupis, explica êle, extintos da antiga Capitania de Pernambuco, onde eram inimigos dos **Caetés**, estenderiam os seus domínios até a cordilheira da Ibiapaba, no Ceará».

Inexplicàvelmente afirma, porém, logo a seguir, que os **Tobajaras**, do Ceará, fizeram uma guerra de morte aos **Tacarijus**, no século XVII. Dizemos inexplicàvelmente porque, segundo o testemunho da história, foram na realidade os **Tobajaras** «da cordilheira da Ibiapaba» que «fizeram guerra» e aniquilaram os **Tocarijus** por haverem trucidado o venerável Padre Pinto. Uns e outros eram, portanto, os mesmos gentios.

(34) Ver «La langue tapihiya dite tupi ou neegatu», pág. 11 e seguintes, P. C. Tastevin, Viena, 1910. Consultar também Miguel Tenório d'Albuquerque — «Língua Geral», in Anais do **XX** Congresso Internacional de Americanistas.

(34a) A explicação que, à primeira vista, parecerá extremamente ousada, quiçá até gratuita, não o é, porém. A apoiá-la há, com efeito, numerosos fatos mencionados pelo americanista francês em seu trabalho sôbre «Migrations historiques des tupi-guarani», que devem ser conhecidos dos interessados.

(35) A digressão em tôrno das variantes **tobajara** e **tabajara** não é despicienda. Tenha-se em vista que o conhecimento do verdadeiro significado de um vocábulo indígena leva, por vêzes, à elucidação de problemas ligados à história e à própria vida da tribo em aprêço. Ora, o significado de um nome pode modificar-se inteiramente pela simples alteração de sua pronúncia ou mudança de uma letra. Tommeos, por exemplo, a palavra Abaeté. Tem «segundo Batista Caetano (tomo VII, dis A. Biblioteca Nacional) vários significados possíveis, que são: 1º **aba-eté** «homem real, verdadeiro, positivo» literalmente, e «ilustre, distinto, honrado», por

translação: 2º **aba-ité** «homem desfigurado, feio, decomposto, horrível, temeroso». Êste vocábulo, segundo supomos, pode ser também assim interpretado: **a-bai-eté** ou **a-mbai-eté**» pessoa má muito, homem muito ruim. Cumpre-nos afinal notar que não só neste, como em muitos outros vocábulos, podem e parecem existir duas significações antitéticas, dependendo apenas do tom com que se pronuncia o vocábulo, a determinação do sentido, que se lhe atribui.

(35a) Os **Guajarás,** no dizer de Martius, seriam os remanescentes degradados dos **Tobajaras.**

(36) Roulex Baro, cujo nome verdadeiro é Rodolfo Baron, é dêsse tipo.

(36a) Completa o autor a sua monografia com notícias abundantes acêrca dos nativos, de que se ocupa. Umas verazes, outras despropositadas, elas parecem dizer respeito, em maioria, aos **Tarairiús** com que os holandeses mais privaram durante a sua estada no Brasil.

(37) «As tradições dos **Tupinambás,** quais foram colhidas na Bahia e em Pernambuco, apresentam êstes tapuias como os primeiros moradores do nosso litoral. (Capistrano de Abreu, «Descobrimento do Brasil», págs. 244 e seg.)

Afirma Gabriel Soares de Sousa, que o litoral da Bahia era ainda povoado por **Tapuias** quando chegaram os **Tupiniquis** que os enxotaram para o **hinterland.**

Os **Tupinambás,** por sua vez, repeliram os **Tupiniquis** ou **Tupinaes.** «Um dos galhos dos **Tupinambás,** apertado entre os **Tupiniquis** e os **Tapuias,** transpôs o Rio S. Francisco e ficou se chamando **Amoipiras.** Ora sabendo-se que os **Amoipiras** habitavam no S. Francisco, entre as fronteiras da Bahia e Pernambuco, estendeu-se até o Piauí e procurando-se saber quais eram os **Tapuias** que habitavam nesta secção, vemos que eram os **Cariris** ou antes **Quiriris,** como os chamavam na Bahia.

Nada o prova melhor que as aldeias fundadas depois de 1650, pelo Padre João de Barros, que foram as de Canabrava, Saco dos Morcegos, Natuba e Juru, como diz Hervas («Catálogo de las linguas». Madrid, 1800, pág. 153).

(37a) Não havia sido ainda estabelecida a autonomia do grupo tremembé, daí a confusão de Capistrano.

(37b) Capistrano encontra também afinidades entre **Cariris** e os **Maipures.**

(38) Neste caso, observa Almeida Prado (pág. 140), talvez se aparentassem à imensa rêde guaianá da zona do Capricórnio, hipótese custosa de elucidar com os dados de que dispomos. Tanto é possivel que os **Guaianás** tenham subido, como os **Cariris** descido os rios do sul. A primeira versão tem mais verossimilhança pelo número de **Guaianás** que existiram nas proximidades de S. Paulo, como se aí fôsse o seu **habitat** e pela tendência geral do gentio dessa região em se dirigir do Sul para o Norte, quando em grandes migrações.

«Pode, entretanto, ter havido muitas exceções.»

(38a) Tudo o que atrás se lê, relativo à cultura cariri, é da autoria do Professor Estêvão Pinto.

Trancrevemo-lo, embora sem a necessária autorização, por nos parecer das melhores sínteses sôbre a matéria, até hoje publicadas.

(39) «Outras particularidades extraídas do CATECISMO» — Páginas 92, 139, 296, 359, etc.

(40) Para maiores detalhes sôbre a derrota seguida por êsses povos invasores ver «Pré-história cearense», de Pompeu Sobrinho.

(41) A idéia de incluir a familia linguocultural Cariri no Grupo Brasilido pertence, como dissemos, a Pompeu Sobrinho que, em trabalho publicado na Rev. do Inst. do Ceará, Tomo LXIV, Ano de 1950, págs. 314 e 349, ventilou o assunto com bastante clareza. Recordemos, não obstante, que outros especialistas já haviam formado com ela um grupo à parte na sistemática dos nossos aborigines.

(42) Note-se que há uma certa contradição entre a rota traçada por Pompeu Sobrinho e a que Capistrano menciona, firmado em dados históricos fragmentários, na toponimia e na lenda. Pompeu baseia-se na distribuição das culturas e das linguas.

(43) Tomás Pompeu Sobrinho «Pré-História Cearense» Editôra Instituto do Ceará, Ltda. Fortaleza, 1955 — págs. 81 e seguintes.

(44) P. Rivet e Louktka — «Les langues de l'Amérique», in «Les langues du Monde» par un groupe de Linguistes sous la direction de A. Millet et Marcel Cohen — Paris, 1952.

(45) Sôbre as afinidades lingüisticas do Cariri, veja-se o trabalho de Pompeu Sobrinho, intitulado «As origens dos indios Cariris (Rev. do Inst. do Ceará, Tomo LXIV — ano 1950, págs. 314 e 319.

(45a) Alguns autores incluem, entre **Cariris,** os **Icós** e, também, os **Yucás** ou **Jucás,** que Pompeu coloca entre **Tarairiús.**

São ainda apontados por Nimaendaju, e aceitos por Louktka e Rivet, como integrando o grupo cariri, os **Pebas, Pegas, Peiga** ou **Perga.**

(46) Citados igualmente por Nimuendaju que os classifica no grupo Cariri e os localiza em ilhas de São Francisco.

(47) Pompeu, fiel às idéias que iria defender em sua «Proto-História Cearense», no tocante à propriedade dos espanhóis no achamento das terras brasileiras, pretende que as fontes de informações mais autorizadas, sôbre os **Tremembés,** encontrar-se-iam nos relatos do célebre cronista Pedro Mártir de Algéria, ao descrever a aventurosa expedição de Vicente Yañez Pinzon, de dezembro de 1500 a setembro de 1501, pelas costas da América do Sul, Nordeste do Brasil, Venezuela e Antilhas, in Livro IX, Cap. I da sua «Primeira Década», escrita logo após a volta do almirante espanhol.

Diz êle aindaõ — Cêrca de um ano e meio depois de Pinzon, o pilôto Américo Vespúcio que viera na primeira expedição exploradora da costa brasileira, mandada em 1501 pelo Rei de Portugal, descrevendo um episódio ocorrido nas praias do Ceará, onde abicara a pequena frota, perto da barra do Rio Curu em pleno dominio dos índios **Tremembés,** regista fantásticas noticias dêstes amerincolas. Não obstante, é possivel colhêr algumas breves informações úteis relativamente aos nativos. O cosmógrafo florentino na lettera, relativa à sua terceira navegação (**De Tertio facta Navegatione**), e P. Mártir de Angleria foram os primeiros europeus que trataram dêstes indigenas, embora o tenham feito muito parcimoniosamente, sem mesmo lhes mencionar a denominação tribal.

(48) A declaração peremptória de que os **Tremembés** eram individuos de porte elevado não pode ser admitida sem prévio e cuidadoso exame da matéria.

Firma-se, é certo, na palavra do cronista espanhol Pedro Mártir, que adianta serem os nativos, com que a expedição teve contacto, mais altos do que germanos ou húngaros. Todavia as informações que nos transmite o escritor quinhentista, embora recolhidas sob juramento dos itinerantes, são, de ordinário, exageradas e até mendazes. É disso exemplo «o dizer que as pegadas dessa gente igualavam quase o dôbro das do homem médio de Espanha».

Quando se referem à posição real dos lugares percorridos, tornam, então, naturalmente vagas e, assim, nada há que prove referirem-se elas, na realidade, aos nossos silvícolas.

Ademais, colidem abertamente com o que, a seu respeito, disse o Padre Ivo d'Evreux, que com êles por muito tempo conviveu. Sustenta, com efeito, o capuchinho francês serem os **Tremembés** de estatura regular.

A asserção de Pedro Mártir é desmentida, também, pelo retrato que dêles nos legou um pintor desconhecido e que se encontra hoje no Museu Histórico do Rio de Janeiro.

Gustavo Barroso, reproduziu-o como parte da documentação em que alicerçou um dos artigos que, semanalmente, publicava na revista «O Cruzeiro».

(49) Essa dança é, na verdade, de origem tupi.

(50) Paulino Nogueira, que se ocupou dêsses indígenas, afirma, escudado na autoridade do Padre Vieira, que os **Tremembés** eram índios morigerados e de índole pacífica. Será esta talvez a verdade. Todavia, a perseguição, movida, na época do domínio holandês, aos silvícolas das vizinhanças de Jeriquaquara; os constantes ataques por êles levados a efeito contra o fortim de N.S. do Rosário; e mais ainda, a opinião dos autores citados em nota anterior, tudo, enfim, parece indicar a fereza de seus ânimos.

Em abono da opinião de Paulino Nogueira há, porém, o fato de ter o índio Francisco Aragiba, quando interrogado por Matias Beck a respeito dos Tremembés, respondido serem êles boa gente.

(50a) Ver Carlos Studart Filho «Notas históricas sôbre os indígenas cearenses. (Rev. do Instituto do Ceará. Vol. XLV, págs 53 a 103, Fortaleza, (1931).

(51) Os **Canindés** eram **Janduins**, conforme se vê da carta de Câmara Coutinho a Constantino de Oliveira, datada de abril de 1962.

(52) Foi Martius, como se sabe, o primeiro a reconhecer a conexão que ligava certo número de tribos pertencentes ao grupo **Tapuia** dos escritores antigos. Com elas erigiu um grupo independente que subordinou à denominação **Jé** ou **Cran** por isso que os povos nêle integrados compunham seus nomes nacionais com a palavra **Jé** (chefe, pai) e **Cran** (filho, descendente), R. Garcia.

(53) Martius liga os indígenas não tupis dos sertões pernambucanos e do Maranhão aos proto-**Jés**, do galho setentrional.

(54) Para nós essa obra de pioneirismo pertence ao homem de Uruburetama.

Correntes ou contingentes imigratórios	Características étnico-culturais	Tipos étnicos americanos	
		Na América do Norte	Na América do Sul
I corrente	Dolicóide, hipsicrânio. Estatura elevada. Cultura paleolítica, primária	Sílvido	Láguido Huárpido Patagônido
II corrente	Dolicóide, camecrânio. Estatura menos elevada. Cultura paleolítica, primária	Sonórido Califórnido	?
III corrente	Dolicocefalia mais ou menos moderada. Tipo mongolóide. Cultura mesolítica	Esquímido Pacífido	Fuéguido Nordéstido
IV corrente	Braquióide de estatura baixa. Cultura neolítica	Sudéstido	Brasílido
V corrente	Braquióide. Baixa e média estatura. Alta cultura	Centrálido	Ândido

Correntes migratórias	Origens (1) Epoca (2) Caminho (3) Lugar de acesso (4)	1º Estabelecimento (1) 2º Estabº (2)	Características	
			Somáticas	Culturais
I	(1) N-E da Sibéria (2) 28 a 20 milênios (3) Terrestre (4) Bering	Rio Yukon Alasca (1) Grandes Planícies Norte - Americanas (2)	Estatura elevada; Dolicocefalia; Hipsicrania; Tipo australóide	Paleolítica superior; primária. Economia coletora. Lança de arremêsso. Pontas de pedra, machado tôsco
II	(1) Sibéria (2) 20 a 15 milênios (3) Terrestre (4) Bering	Yukon Alasca (1) Grandes Planícies Norte - Americanas (2)	Estatura elevada, mas inferior a I Dolicocefalia; Camecrania moderada; Tipo parassiberiano	Paleolítica superior; primária. Economia coletora Propulsor ? Machado lítico com cabo flexível (?) Cêstos
III	(1) Norte da Asia (Sibéria) (2) 10 a 9 milênios; (3) marítimo costeiro; (4) Bering	Costa N-W da Am. do Norte (1) Costas do Pacífico (2)	Estatura: (a) baixo (b) média Dolicocefalia moderada; Tipo: (a) Mongolóide paleossiberiano (b) Paramongolóide	Mesolítica Cerâmica do pente; navegação rudimentar; largo uso do osso; domesticação do cão. Casa semi-subterrânea, cupuliforme. Ostreiro.
IV	(1) Indonésia e Polinésia; (2) 7 a 6 milênios (3) marítimo ou marítimo-costeiro; (4) Pacífico	Istimo do Panamá e adjacências (1) Várias regiões das 3 Américas	Estatura baixa. Braquicefalia mesorrinia Tipo mongolóide	Neolítica ou média. Agricultura, cerâmica, tecidos. Direito matrilinear. Avunculato. Navegação, canoas monóxilas. Arca e flecha Zarabatana. Cabeça-troféu, Animismo, Shamanismos Canibalismos rituais. Mounds
V	(1) Polinésia (2) 4 a 3 milênios; (3) marítima (4) Pacífico	Costas W. da Am. do Sul (1) Andes, Colômbia, Am. Central e México	Estatura baixa Braquicefalia exagerada; Tipo mongolóide ou paramongolóide lóide	Alta cultura. Construções megalíticas, Templos Fortaleza, Agricultura com irrigação. Domesticação de animais. Classes sociais. Cidades e Estados. Metais. Grande parte dêstes elems. desenv. na América.